

CARLOS LIMA
Um editor camarada

BOURGARD
O RN em lentes
alemãs

A RECEITA
Por Nelson Mattos

BELISÁRIA
A baronesa de
Serra Branca

BAYEUX
Curiosidades da
cidade paraibana
com nome francês

ARTIGO
Protagonismo
social da OAB

DELUXE

A MARCA DE JOIAS ANA ROCHA & APPOLINARIO GANHA ARES PARISIENSES E LISBOETAS EM ENSAIOS FOTOGRÁFICOS E TILINTARES PILOTADOS PELA DESIGNER ANNA CLÁUDIA ROCHA E AS EMBAIXADORAS CLÁUDIA GALLINDO E JU FLOR. CONTAMOS SOBRE ESSES MOMENTOS QUE CELEBRAM OS 20 ANOS DA JOALHERIA BRASILEIRA

*E se o melhor
para você
também for
o melhor
para todos?*

al
ter.
nati
va



Existe alternativa.

Ao escolher o **Sicredi**, você une as suas necessidades financeiras com o desenvolvimento da sociedade.

Já somos mais de 5 milhões de associados gerando crescimento para todos, porque reinvestimos recursos na sua região.

Conte com soluções financeiras ideais, taxas justas e atendimento próximo, humano e também digital, em mais de 2 mil agências em todo o Brasil e na palma da sua mão.

Abra sua conta com a gente.



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais.

**Escolha o Sicredi,
onde o dinheiro rende
um mundo melhor.**



SOMA DE HISTÓRIAS

Esta edição chega ainda mais especial. Motivo: a estreia de mais um colaborador: o viajante do mar Nelson Mattos Filho – potiguar que resolveu morar a bordo de um veleiro com a esposa Lúcia. Aventura que ele reuniu em livro, contando suas histórias e pensamentos sobre a vida no mar. Atualmente o casal está com os pés em terra, mas de frente para o mar, na ainda pacata praia potiguar de Enxu-Queimado, que assim ele descreve:

- É uma praia que ainda mantém quase todas as características das antigas colônias de pescadores, mas, como em todo lugar, o modismo desenfreado já corroí os mais jovens. A renda do lugar vem quase toda da pesca artesanal da lagosta e dos peixes.

Pois bem, Nelson discorre sobre uma viagem com sabor de pão artesanal. Boa leitura! O acadêmico Ivan Lira traz instigantes curiosidades do município paraibano com nome francês: Bayeux. Delicie-se com essa história que passa por Assis Chateaubriand, magnata da imprensa brasileira na primeira metade do século 20. Além dos causos sobre chifres e suposições.

O acadêmico Geraldo Queiroz conta sobre vida e obra de Carlos Alberto de Lima, saudoso gigante livreiro e editor que possibilitou publicações de centenas de livros e lançamento dos que se transformaram em grande escritores. A história passa, inclusive, pelos porões da ditadura militar, onde ele ficou preso por dez meses, acusado de subversão.

O historiador Anderson Tavares de Lyra nos remete à história de Bruno Bourgard, o alemão que fez os primeiros registros de Natal, em fotografias feitas da torre da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. O jornalista Minervino Wanderley resgata a história da Baronesa de Serra Branca, Belisária Wanderley, que libertou seus escravos oito anos antes da “Lei Áurea” e ainda banqueteou-os, ela própria servindo-os à mesa.

Na página de artigo, o advogado Daniel Censoni faz duras críticas à OAB, sob o título-questionamento “Qual é o verdadeiro protagonismo da Ordem dos Advogados do Brasil?”. Na minha coluna: passeio por encantos históricos e gastronômicos de Cascais e Lisboa.

Leia sem moderação
Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, ANDERSON TAVARES DE LYRA,

GERALDO QUEIROZ, IVAN LIRA DE CARVALHO,

MINERVINO WANDERLEY

CAPA

SAULO ROCHA

Carteira de
Estudante
2021



#TáNa Mão

ADQUIRA JÁ A SUA:



**POSTOS
NATALCARD**
(RECEBA NA HORA)



**APP MEU
NATALCARD**
(RECEBA EM CASA)



**PORTAL DO
ESTUDANTE NATAL**
(PORTALDOESTUDANTE
NATAL.COM.BR)

**DOCUMENTAÇÃO
NECESSÁRIA:**

✓ RG ✓ CPF ✓ R\$25,00

✓ CADASTRO
ATUALIZADO



Vantagens

- MEIA PASSAGEM
- MEIA-ENTRADA*
- RECARGA ON-LINE
- CLUBE DE DESCONTOS

*A Lei Federal Nº12933/2013, garante o benefício do pagamento da meia-entrada para estudantes, pessoas com deficiência e jovens, de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos.





44



60



48



66



8 | AS LISBOETAS



74 | TÚNEL DO TEMPO



54



72

Cartão Sesc RN

Faça logo o seu e
experimente um
mundo de vantagens!

- | Esportes
- | Odontologia
- | Educação
- | Cultura
- | Assistência
- | Descontos
em empresas
parceiras.

ONDE FAÇO?

Centrais de Relacionamento
ou no Espaço Digital
(trabcom.sescrn.com.br/espaco-digital/)





ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

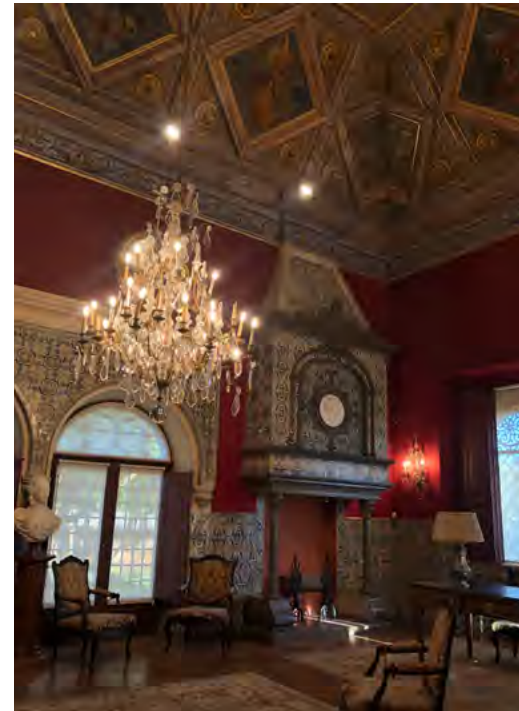
MUITO MAIS ALÉM

A grande maioria dos visitantes que chegam a Cascais, na Grande Lisboa, restringe-se à Casa da Guia, ao passeio do comércio central e à Boca do Inferno (espécie de arco em rochedo por onde entra a água do mar). E assim desconhece mais sobre esse local que remete à pré-história, cerca de 2000 a.C.. No século XII, foi reconquistada dos árabes e passou para o comando dos reis portugueses. Tornou-se uma pequena aldeia de pescadores e lavradores.



POIS BEM

É impossível ir a Cascais e não observar um lindo palácio que recebe água do mar em período de preamar, formando uma enseada. É o Palácio do Conde de Castro Guimarães, que, segundo descreve a Sipa (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico), trata-se de um imóvel “eclectico e revivalista. Casa de Veraneio neoromânica, neogótica, neoárabe e neomanuelina, com predominância do programa decorativo neomanuelino”. Funciona como museu e vale muito uma visita a esse incrível monumento construído durante o século XIX, e até hoje tem conservado o seu traçado original.



HISTÓRIA

A construção do palácio foi iniciativa do irlandês Jorge O'Neill, rico homem de negócios do tabaco. A orla de Cascais era o lugar preferido de nobres e personalidades para passar as férias, construindo na vila as suas imponentes casas de veraneio. Conta a lenda que dez anos após a construção, O'Neill mergulhou em crise financeira e vendeu o palácio ao Conde de Castro Guimarães, banqueiro que tinha privilegiadas ligações internacionais. Com a morte do Conde, em 1927, seu desejo foi realizado com o repasse do edifício ao município que, três anos depois, abriu o museu ao público.

BOM LUGAR

Com a pandemia, devido o distanciamento social e a obrigatoriedade de lugar aberto, Cascais ganhou a Rua Amarela, que era para funcionar até setembro, mas o sucesso foi tanto que permanece. Concentra vários bares e restaurantes. A rua é identificada pelo chão pintado de amarelo, e abrange três ruas: Nova da Alfarrobeira, Alexandre Herculano e Afonso Sanches.

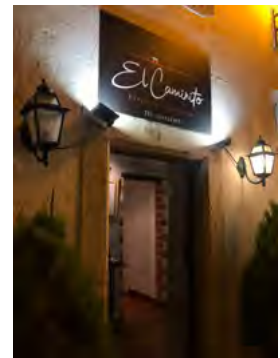


SABOR

Quando lá estive optei – e adorei – pelo La Contessa | Carpaccio House. Pedi, obviamente, carpaccio. E prego de rosbife. Deliciosos.

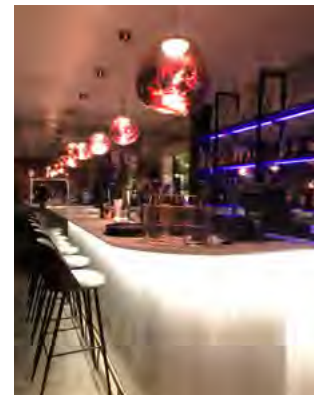
MAIS

Para jantar, a opção foi uma autêntica parrilla argentina, no charmoso restaurante El Caminito, na parte de rua de pedras históricas de Cascais.



BONITO E SABOROSO

Em Lisboa, fui, provei e aprovei o restaurante e bar A Caseta, na Calçada da Estrela. Do lado de fora já vemos a cozinha, toda envidraçada com vista para a rua. Dentro, charme desde a recepção. Cada ambiente é uma agradável surpresa, tudo personalizado e envolvendo a paixão do seu proprietário Leonardo dos Anjos Melo pelos cavalos lusitanos. Ele nos recebeu à porta e explicou sobre o local. Sua família é dona de uma quinta, origem de toda a carne servida nas opções do cardápio. A cozinha é alentejana com toque contemporâneo. Tudo belo e saboroso, desde a imagem visual dos pratos. Indico demais





Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN.
Professor da UFRN, Juiz Federal



Estação de passageiros do
Aeroporto Internacional Castro
Pinto, em Bayeux-PB

BAYEUX

Da Normandia À PARAÍBA

Quem passa pela BR 101, nas proximidades da capital paraibana, tem a sua atenção chamada para placas indicativas de uma cidade com nome pouco usual para o Nordeste brasileiro. Em bom francês, Bayeux! Às primeiras indagações, historiadores de improviso tentam sacar informações empíricas, afirmando ser referencial

toponímico que diz respeito à presença dos corsários franceses no território dos tabajaras, ao início da nossa colonização lusa. Ou melhor, do nosso abandono pela coroa portuguesa. Mas não é bem assim que a coisa funciona.

O nome da cidade, é certo, tem inspiração francesa. Mas a razão é puramente bajulatória. Conta-se que Assis Chateaubriand, mag-

nata da imprensa brasileira na primeira metade do século vinte, a título de ficar de boas com os Aliados que delineavam uma retumbante vitória sobre as forças do Eixo na Segunda Guerra, isso em 1944, conseguiu com o interventor Rui Carneiro a mudança do nome de um distrito do Município de Santa Rita, de Barreiros para Bayeux, enaltecendo assim a pri-

meira das cidades da Normandia a ser libertada do jugo do exército de Hitler, em prenúncio do fim do grande conflito mundial. Assim aconteceu. Tanto que foi chantado na Praça Seis de Junho um obelisco em granito bruto, com o dístico “Viva a França”, onde está esculpido um medalhão com o nome dos dois países, sendo o jardim uma homenagem à data do desembarque das tropas aliadas na costa normanda, o chamado “Dia D”. Também a via principal foi renomeada, de Rua Abdon Milanez para Avenida de Liberdade, saudando a retomada desse sentimento pelo povo da terra gaulesa.

A Bayeux francesa está situada na região noroeste do referido país, próxima a Le Havre (considerada pela UNESCO Patrimônio Mundial da Humanidade), Ruão (famosa pelo seu casario medieval, lugar onde viveu, morreu e foi sepultada a escritora potiguar Nísia Floresta e onde ocorreu o martírio de Joana D’Arc) e Lisieux, a de Santa Terezinha. Tem cerca de treze mil habitantes, é famosa pela tapeçaria e por sediar o maior cemitério de guerra da França, com 4.648 sepulturas, incluindo 3.935 de britânicos e 466 de alemães. Tem também um memorial dedicado aos jornalistas que tombaram cobrindo o sangrento conflito, onde anualmente é realizado um encontro de periodistas que trabalham nessa difícil área da informação. A economia se assenta na produção agropastoril e na indústria alimentícia, tendo destaque também o turismo histórico-cultural.



Célebre foto de Charles De Gaulle desfilando em triunfo pelas ruas de Bayeux-FR, após a libertação da cidade do domínio nazista



Assis Chateaubriand, dono do império das comunicações nominado Diários Associados, autor da ideia de batizar a cidade com o nome francês



Ruy Carneiro, Interventor Federal na Paraíba, autor do decreto que oficializou o nome de Bayeux-PB

Já a congênere paraibana é bem mais povoada: quase cem mil habitantes, funcionando também como apoio de moradia para pessoas que trabalham na capital do Estado, já que a divisão entre os municípios é feita por leitos de vias públicas e pelos Rios Marés, Sanhauá e Paraíba. Chama-vam-na, lá para trás, Barreiros (engenho assim nominado) ou Barreiras (por estar na marginal de rios). No populacho, Rua do Baralho, em razão das birascas de jogatina que funcionavam ao curso do seu caminho maior. Uma curiosidade: como unidade política nunca pertenceu formalmente à capital, mas sempre ao Município de Santa Rita, somente deste sendo desmembrada em 1959. Durante muitos anos a sua economia era precária, assentada basicamente na pesca e na cata de mariscos, além da agricultura discreta. Uma classe operária se esboçou a partir do contingente de trabalhadores da Companhia de Tecidos Paraibana (Fábrica Tibiri), que funcionou em Santa Rita de 1891 a 1970. A formação de mão de obra fabril favoreceu a edificação de um novo parque industrial no coração de Bayeux, no eixo da Avenida Liberdade, estimulada pelos recursos carreados pela SUDENE, dedicado ao beneficiamento de agave, dando tratamento à fibra que vinha de polos sisaleiros como Cuité e Teixeira e exportando o produto através do Porto de Cabedelo para a Inglaterra e os Estados Unidos, principalmente. Nesse contexto,



A Ponte do Baralho, sobre o Rio Sanhauá, na divisa entre os Municípios de Bayeux e João Pessoa



Unidade fabril do parque industrial sisaleiro de Bayeux, anos sessentas

empresas como a CISAL, a SIBRASIL e a FIBRASA respondiam pela quase totalidade dos empregos formais e dos tributos gerados no Município, interferindo, de forma oblíqua, no desenho administrativo e urbanístico do lugar, inclusive com a atração de equipamentos como o Serviço Social da Indústria e a construção de

casas populares. Por razões de mercado e especialmente do desprestígio das fibras naturais com a expansão das similares sintéticas, a preço mais baixo, essas indústrias cerraram as suas portas ou minguiaram de porte.

Mas, como toda cidade geminada a centros mais desenvolvidos, ou integrantes de conurbação,

Bayeux sempre careceu de uma identidade histórica e cultural mais definida, talvez pela flutuação do seu perfil populacional, em muitos casos sem ânimo de fixação, pois famílias que alçam a um patamar econômico ou salarial melhor, preferem mudar para bairros sediados em João Pessoa. Por incrível que pareça, uma das razões dessa migração é o estigma que recai sobre a cidade de ser um lugar de muitos desvios sentimentais e de pouco compromisso monogâmico (v. box nesta matéria). Entretanto, há um núcleo de baienenses (ou bayenenses) que luta pela reversão desse limbo, inclusive com a criação e o funcionamento de um Instituto Histórico e Geográfico de Bayeux, que conta com revista devidamente catalogada na hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Outra instituição que fortalece essa noção de pertencimento é a Alliance Bayeux France Brésil, geminando as duas cidades, que segundo seu dirigente Anthony Voidie, “criada no final do 70º aniversário dos desembarques na Normandia, tem como objetivo desenvolver o intercâmbio entre os habitantes de Bayeux França (e arredores) e Bayeux no Brasil”. A propósito desse liame intercontinental, o jornal A União (João Pessoa, 25 de dezembro de 2104, p. 10) publicou interessante artigo de Janete Monteiro Fernandes, reportando viagem que empreendeu à França naquele anos, juntamente com alguns vereadores de Bayeux-PB, a convite da deputada francesa Isabelle Allard, para participar



O segundo discurso de De Gaulle em Bayeux-FR, lançando as bases da nova constituição francesa da reconstrução pós-guerra



Centro histórico de Bayeux-FR e obelisco na Praça 6 de Junho em Bayeux-PB. Cidades gemelares



Monumento ao caranguejo, ressaltando a importância econômica e ambiental dos manguezais de Bayeux-PB



Capelinha do Sanatório Getúlio Vargas, hospital onde eram isolados os doentes do Mal de Hansen

dos setenta anos do “Dia D”, com solenidades que contaram com a participação de líderes mundiais do porte de François Hollande, Elizabeth II, Barack Obama, Vladimir Putin e Angela Merkel.

Em seu território Bayeux tem instalações importantes no contexto paraibano, com o 16º Regimento de Infantaria Mecanizado do Exército Brasileiro, o Aeroporto Internacional Castro Pinto e o Condomínio Alphaville (que restaurou e preserva o importante conjunto arquitetônico colonial do Engenho de

Marés, com capela, casa grande e outras edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba). Outro equipamento que lá está e que teve relevo no cenário da saúde pública do Estado é o Sanatório Getúlio Vargas, destinado ao controverso tratamento isolacional da hanseníase, hoje em estado de degradação predial.

O Índice de Desenvolvimento Humano de Bayeux é médio (0,649) e o Produto Interno Bruto Per Capita é R\$ 13.922,53.

ENTRE CHIFRES E SUPOSIÇÕES

Não se sabe ao certo de onde e quando surgiu a lamentável fama que recai sobre Bayeux-PB, de ser uma cidade fora dos padrões monogâmicos, pois o nono mandamento da igreja católica (“não cobiçar a mulher do próximo”) seria frequentemente desrespeitado. Não há – pelo menos de forma oficialmente levantada – uma estatística que comprove essa realidade. Mas, rumando para o fim do primeiro quartel do século vinte e um, ainda há quem dê cabimento a essas cavilações, quase sempre calcadas em forte coloração de supremacia machista. Veja-se que um deputado estadual colocou o seu mandato para fortalecer essa pecha, atribuindo a sensação de humilhação dos machos locais ao nome do lugar. Assim, o parlamentar teve a ideia de apresentar um projeto de lei extirpando o topônimo Bayeux. Está no site oficial da Assembleia Legislativa da Paraíba que a razão da sua proposta “é a carga pejorativa assumida pelo nome ao longo dos anos, pois, no popular, o município é conhecido como ‘a cidade dos cornos’”. – Até os motoristas da cidade preferem emplacar os veículos em João Pessoa para que não apareça o



Logomarca da Alliance Bayeux France Brésil



Vista do Engenho Marés, com conjunto colonial tombado pelo patrimônio histórico

nome de Bayeux – argumentou o deputado”.

Para essa situação, que beira o folclore, o historiador Fenando Guedes Júnior, professor das redes pública e privada de ensino em João Pessoa, apresentou a versão de que a fama decorre de uma corruptela mal interpretada. Segundo o professor, que é também turismólogo e tem mestrado em História pela UFRN, na Rua Antônio Ferreira as mulheres trabalhavam na confecção de cangalhas, mangas de garrafa e esteiras para forrar o lombo de animais de carga, artefatos muito usados pelos tropeiros que vinham com mercadorias do interior para vender na capital e em Bayeux faziam “a revisão” dos acessórios das suas tropas. Como o forte da produção era de cangalhas (espécie de sela que sustém os caçuás dos burros carregadores) e as pessoas simples pronunciavam “cangaia”, propagou-se que aquela era a “rua da cangaia”. Até aí, no campo do analfabetismo, tudo ia bem. Só que os maldosos passaram a associar o referido artefato a outra afirmação sexista, que é de mulheres dominadoras dos seus maridos, que os tratam com cangas... com “cangaiais”... Foi um pulo para que se dissesse que “cangaia” é o mesmo que chifre (forma chula de se referir a traição conjugal) e feita ficou a mistura: Bayeux é terra da cangaia... é terra de chifre... é terra de chifrudos... é terra de cornos. Apesar

de fantasiosa e de pouca amarração lógica, essa versão, repassada na coluna “Moral da História”, do blog “Termômetro da Política”, tem servido como uma das justificativas para depreciar a cidade, à luz dos padrões morais conservadores da região.

Há outra hipótese, carregada de empirismo, que se louva em um disfarce sociológico para a matéria: a de que o declínio da Fábrica Tibiri (Companhia de Tecidos Paraibana), ocorrido no final da década dos sessentas, havia imposto um significativo contingente de desempregados ao Município, estimulando que mulheres prestassem favores sexuais em troca de pagamento, para custeio doméstico. Só que a “clientela” era de homens também desempregados, que saqueavam a economia das próprias esposas para pagar pelos seus “desvios sentimentais”. Isso formava o que se pode chamar uma “ciranda de traição” (e aqui peço perdão a Alceu Valença e a Geraldo Azevedo, pelo empréstimo do título de uma canção dos dois). Para dar um verniz acadêmico, os boateiros dizem que essa informação advém de uma pesquisa realizada no âmbito do Curso de Serviço Social da UFPB, aplicada ao pontiagudo universo em questão. Se essa pesquisa existiu e foi publicada, está muito bem guardada.

Por fim, resta a galhofa, que frequenta o anedotário nos

mais diversos sítios, dos salões de oficinas mecânicas às barbearias e botecos, sendo replicadas em muitos setores e até mesmo alimentada pelo noticiário de que a esposa de um exercente de destacado cargo político-administrativo local optou pela variação de parceria sexual durante a constância do casamento. Aqui não se ingressa na análise do possível cariz misógino ou machista das publicações. Só os fatos crus, trazidos quase no modal do dramaturgo Paulo Pontes (autor de “Gota D’água”) que, desde o seu tempo de radialista na Paraíba, produzia programas populares para a Rádio Tabajara com o lema de mostrar “a cara do povo do jeito que ela é”.

Para encerrar esse assunto tormentoso e perfurante, vai-se ao terreiro do picaresco com a história posta entre o real e o trágico. Pois bem. Em Bayeux o ônibus urbano era apelidado “cata-corno”. Manoel, cego de nascença, mas muito independente, diplomou-se massagista e trabalhava alguns dias da semana em um hospital da já multicitada cidade. Ao fim da jornada, chegou na parada de ônibus e descuidadamente perguntou se fazia tempo que passara o cata-corno. O interlocutor deu-lhe um murro e jogou longe a sua bengala.

Que não se aplique o mesmo castigo ao escritor que aborda temas tão inconvenientes.



Minervino Wanderley



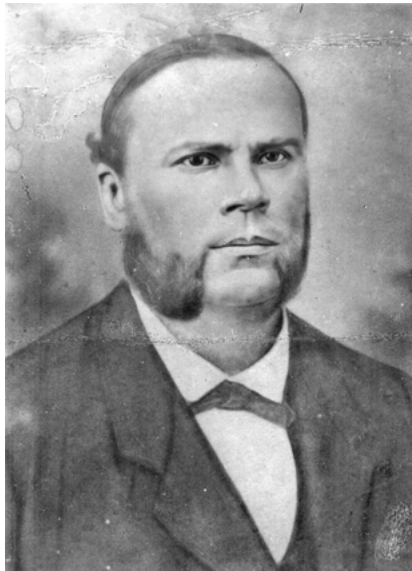
BELISÁRIA LINS WANDERLEY DE CARVALHO E SILVA

A Baronesa de Serra Branca

OS SEUS ESCRAVOS FORAM LIBERTADOS EM 30.03.1880,
OITO ANOS ANTES DA LEI Nº. 3.353, A FAMOSA “LEI ÁUREA”

Nasceu em Açú-RN, a 13.10.1836, filha de Manuel Lins Wanderley e d. Maria Francisca da Trindade Wanderley. Casou-se com Felipe Néri de Carvalho e Silva, que se tornaria Barão de Serra Branca. (...) fazenda-sítio enorme, vistosa, com casa-grande, gadaria, escravos e servidores. Serra Branca dava repercussão às façanhas dos vaqueiros, às glórias dos invencíveis cavalos-de-campo, ágeis e finos, pisando no duro e no molhado, com patas infatigáveis e nobres (CASCUDO, p. 69). O decreto dando a Felipe Néri e d. Belisária referidos títulos – Barão e Baronesa – foi assinado pela Princesa Isabel, em 19 de agosto de 1888.

Abolicionista convicto, Felipe Néri libertou os seus escravos em 30.03.1880, oito anos antes da Lei nº. 3.353, a famosa “Lei Áurea” e, posteriormente, d. Belisária banqueteou-os, ela própria servindo-os à mesa. Talvez por influência deste gesto de desprendimento e magnanimidade, o município do



D. Belisária Lins Wanderley de Carvalho e Silva
(Baronesa de Serra Branca)

Açú, poucos anos depois, referendava aquela iniciativa, estendendo o benefício a todos os escravos ainda existentes em seu perímetro. Isto deu-se a 24 de junho de 1885, portanto ainda três anos antes do que determinaria a referida lei. Belisária Wanderley foi a última representante do período imperial no Rio Grande do Norte. Faleceu em Natal, em 13 de abril de 1933.

Uma curiosidade: Belisária era irmã do poeta Luiz Carlos Lins

Wanderley, primeiro médico diplomado no Rio Grande do Norte.

Fontes: CASCUDO, Luís da Câmara. O Livro das Velhas Figuras, Vol. I. Natal. Instituto Histórico e Geográfico do RN, 1974; WANDERLEY, Walter. Família Wanderley - História e Genealogia. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1966.

Foto: extraída do livro Família Wanderley, acima citado.



Casarão em ruínas

NOTA COMPLEMENTAR

ATA DE LIBERTAÇÃO E DECLARAÇÃO DE QUE SE ACHA LIVRE A CIDADE DO ASSU DO ELEMENTO ESCRAVO

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de junho de 1885 (um mil, oitocentos e oitenta e cinco), nesta Cidade do Assu, Província do Rio Grande do Norte, na Igreja Matriz do Glorioso São João Batista, Padroeiro desta Freguesia, pelas 9 (nove) horas da manhã, onde se achava reunida, em sessão solene, a Sociedade Libertadora Assuense e presentes o Ilmo. Revmo. Arcipreste desta Província, Vigário Pedro Soares de Freitas, o Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca Ângelo Caetano de Souza Cousseiro, Presidente da Câmara Municipal, representantes da imprensa, numeroso concurso de pessoas gradas, senhoras, cavalheiros e grande massa de povo, foi pelo mesmo Revmo. Arcipreste aberta a sessão e lida, pelo Revmo. Vigário Antônio Germano Barbalho Bezerra, Presidente da mesma Sociedade, o documento pelo qual se demonstrou que a Cidade do Assu está livre, e que dentro de sua circunscrição não existe um só escravo.

Depois das salvas e descargas foi executado o Hymno da Redempção da Cidade do Assu. Fallarão os diversos oradores inscritos e recitarão poezias referentes ao acontecimento. Uma banda de música de pancadaria tocou o Hymno Nacional, depois de entregues as cartas de liberdade, tendo tocado diferentes peças ao

passo que terminavão os seus discursos os oradores.

Logo que foram concluídas as formalidades de estylo foi encerrada a sessão pelo Dr. Juiz de Direito desta Comarca, Ângelo Cousseiro, e para constar foi lavrada a presente ata em livro especial, em que assignarão a Sociedade Libertadora Assuense e as pessoas que quiseram. Eu, Torquato de Oliveira, secretário, a escrevi.

Vigário Antônio Germano Barbalho Bezerra, Presidente; Antônio Dantas Correia de Medeiros, vicepresidente; Torquato de Oliveira, Scretário; Elias Antônio Ferreira Souto, orador; Pedro Soares de Araújo, Tesoureiro; Augência Virgílio de Miranda e Galdino dos Santos Lima, Promotores da Liberdade; Vigário Pedro Soares de Freitas, Arcipreste; Vigário Félix Alves de Souza, Ângelo Caetano de Souza Cousseiro, Manoel Lins Caldas, Palmério Augusto Soares de Amorim, Epaminondas Lins Caldas, Manoel Cândido Maciel de Brito, Justiniano Lins Caldas, Francisco Urbano de Souza Macedo, Antônio Cabral de O. Barros Filho, Manoel Liberalino Freire de Carvalho, Theofilo de Oliveira Lins, Antônio Soares de Macedo, Egídio Ferreira de Carvalho, Dr. Luís Carlos Lins Wanderley, Antônio Filgueira Segundo e Luís Antônio Freire de Carvalho, sócios.

FONTE:http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000106277.PDF



“A BARONESA DE SERRA BRANCA”, A HISTÓRIA QUE VIROU FILME

A história da abolição dos escravos de Serra Branca se transformou em filme em 2018, produzido pelos próprios artistas da cidade. O longa-metragem teve como protagonistas o mister da cidade e uma professora de música.

Segundo o produtor da obra “A baronesa de Serra Branca”, Paulo Sérgio de Sá Leitão, o barão Felipe Neri de Carvalho Silva e a baronesa Belisária Lins Wanderley marcaram a história do Rio Grande do Norte. Além disso, eles mesmo sendo donos de escravos, eles não tratavam diferente e sentiam culpados. As primeiras gravações da obra começaram em fevereiro de 2017, com cenários originais da época, como a atual Casa de Cultura de Assu, onde no passado foi a residência oficial dos barões e a Fazenda Serra Branca, que dá título ao filme e é localizada no município de São Rafael, também no Alto Oeste do estado.

O filme (foto acima do título) também relata os momentos de



Cenas do filme “A baronesa de Serra Branca”

solidão da Baronesa, que após perder o seu único filho e o esposo, passa os últimos anos de vida sozinha em seu casarão, morrendo aos 95 anos.

A equipe técnica e atores do longa é composta por pessoas da região. A baronesa é interpretada por Josyanne Talita, de 27 anos, que é professora de música e teve nessa produção sua primeira experiência como atriz. “Foi uma responsabilidade muito grande que recebi. Mas todos tiveram paciência e foram no meu tempo, aí fiquei mais confiante a à vontade”, disse ela.

Já Alyson Santos, de 32 anos,

é o atual mister de Assu e faz o papel do barão. A baronesa de Serra Branca conta ainda com a participação de poetas, seresteiros e grupos de capoeira e dança africana. O financiamento da obra foi através da própria equipe que compõe o filme e contribuição de parceiros.

Trailer do filme:

<https://www.youtube.com/watch?v=O3-KMvIXMUg>

<https://www.youtube.com/watch?v=qxbkZ-gkFiY&t=10s>

Teaser “Baronesa de Serra Branca”:

<https://www.youtube.com/watch?v=yBUUwnPuMW8>



Nelson Mattos Filho
Viajante



Paula e Fernando dão adeus ao Andante

A RECEITA

NÃO EXISTE FÓRMULA BÁSICA PARA SE CONQUISTAR AMIGOS, PORQUE AS GRANDES AMIZADES MUITAS VEZES NEM SABEMOS QUAIS INGREDIENTES COLOCAMOS NA RECEITA. E LÁ VAI UM COPO COM 200ML DE LEITE...

Sou aficionado por pães e dificilmente deixo passar despercebido uma imagem de um pãozinho exposto em revistas, livros, jornais, encartes e mídias sociais. Nos programas televisivos, quando alguém anuncia receitas de pães, não tem como meus sentidos serem desviados e enquanto o produto não sai do forno, não sossego, porém, basta dar uma olhada rápida na receita para saber o resultado final, mas as vezes sou surpreendido. *Mais um copo com 200ml de água...*

Conheci Paula e Fernando no

pér do Iate Clube do Natal, tempos atrás, eles vindo de uma regata Fernando de Noronha/Natal e com rota traçada para um giro pelo oceano Atlântico. O contato inicial foi com um olá e um convite para um churrasco na prainha do clube e, como sempre, o churrasco rendeu outros churrascos, vários jantares, cafés da manhã e seguidos bate-papos, regados a cervejas e vinhos, nos finais de tarde nas margens do Rio Potengi, que tem um dos mais belos pores-do-sol do mundo. *Outro copo com 200ml de óleo...*

Fernando é exímio churrasqueiro, cozinheiro, cervejeiro e dono de um carisma e uma bondade sem iguais. Paula é um amor de pessoa, alma maravilhosa, apaixonada até os fins dos tempos por Fernando e com riso e alegria contagiante. O casal é proprietário do *Bar do Português*, que tem vários pontos espalhados pelo interior paulista e considerado pela crítica como o melhor chope do Brasil, mas vez por outra bate a saudade do mar, pegam o veleiro e saem por aí. O primeiro veleiro foi o *Andante*, o segundo se chama *Strega* e a bordo

dele estão boçando e levando alegria e boas energias pelos oceanos do *planetinha azul*. *Seis colheres de sopa, rasa, de açúcar...*

Por vários anos, antes de um dia me aventurar pelos encantos do mundo de Netuno e Iemanjá, trabalhei no setor de panificação, primeiro como empacotador de bolachas, balconista, abastecedor, caixa e faz tudo na padaria da família. Anos depois, montei, com *Lucia*, uma padaria no município de João Câmara/RN, a *Pão de Mel*, e entre uma vírgula e um ponto estive presidente da *Associação de Supermercados do Rio Grande do Norte*, mesmo sendo panificador, mas aí a história é longa, divertida, prazerosa, enriquecida de conhecimento e boas amizades. E foi daí que me apaixonei pelo pão e quase tudo que aprendi de panificação aprendi na *Panificadora Santa Cecília* com o melhor professor, *Emídio Mattos*, meu saudoso, inesquecível e eternamente querido tio. *Uma colher de sopa, rasa, de sal...*

Naqueles dias no late Clube do Natal, Paula e Fernando nos ensinaram a preparar os deliciosos bolinhos de bacalhau servidos no Bar do Português, receita de família. Ensinei alguns segredos dos pães, para serem feitos a bordo, e numa tarde de verão o Andante soltou as amarras, cruzou a Boca da Barra de Natal e ganhou o mundo, deixando a saudade estendida nas pedras do cais. Dias depois, aproamos o Avoante no rumo do Sul até desaguar nas paragens do Senhor do Bonfim. *Dez gramas de fermento de pão...*

Dois anos após o giro atlântico dos *andantes*, novamente nos encontramos diante de uma churrasqueira no Cabanga late Clube de Pernambuco e com rotas traçadas para a ilha maravilha de Fernando de Noronha. Velejadores quando se encontram é sempre uma festa e a amizade cada vez se fortalece mais. *Um quilo de farinha de trigo...*

Depois do último encontro em Noronha, voltamos para navegar pelo mar da Bahia, o casal retornou para São Paulo, fincaram um pé em Paraty, onde mantinham o veleiro, outro em Bauru, sede do Bar do Português, e assim ficamos, até que desembarcamos do Avoante, viemos morar na praia de Enxu Queimado/RN. Eles venderam o Andante, compraram o *Strega*, botaram os sonhos e as tralhas a bordo e mais uma vez se mandaram mar afora, até que, ao passar a vista na conta do *Strega* no Instagram, lá estava a imagem, exalando cheiro e sabor de um pão feito a bordo e não contei conversa.

Coloca a água e o leite em uma

panela e leva ao fogo até amornar. Depois coloca o óleo, o sal e o açúcar, mistura um pouco e acrescenta a farinha de trigo, aos poucos, misturado ao fermento. Sova e deixa descansar por trinta minutos, ou mais, a depender da fermentação. Em seguida divide a massa, no meu caso dividi em quatro partes iguais, e modela os pães. Dá um pouco mais de descanso, uns quinze minutos, e coloca para assar em forno, já aquecido, a 180 graus.

– *Por aonde navega o Strega?* – Acho eu que dando uns bordos pelas *Ilhas Virgens Americanas*, mas só sei que fiz o pão e o bicho ficou bom não, ficou a mulesta!!!

Em tempo

Recentemente, dia 06/10/2021, o veleiro *Strega* foi atacado, durante a madrugada, por Orcas, enquanto navegava no litoral português. O barco perdeu o leme, ficou à deriva e pela manhã foi rebocado para o continente por um barco patrulha da Marinha Portuguesa. O casal, apesar do susto, nada sofreu.



Veleiro *Strega*, de Paula e Fernando



Geraldo Queiroz
Jornalista / Membro da ANL

Além de publicar autores já consagrados, Carlos Lima soube valorizar novos talentos



CARLOS LIMA

UM EDITOR **CAMARADA**

Carlos Alberto de Lima. De forma mais simples e apropriada, Carlos Lima. Assim tornou-se conhecido e reconhecido o livreiro e editor que soube valorizar o autor norte-rio-grandense, publicando mais de duas centenas de livros (lançando inclusive novos autores), fazendo-os circular em nosso estado e muitas vezes extrapolando os seus limites no intuito de divulgar o que publicava. Podem ser citados como exemplos, dentre muitos, uma matéria publicada no antigo Jornal do Brasil, em 1978, que enfatiza o esforço por ele empreendido para vencer “a aventura de ser editor na província” e o acesso disponibilizado ainda hoje, pelas novas tecnologias, a livros por ele editados em instituições fora do país. Na Universidade do Novo México, em Albuquerque (USA), localizamos em suas estantes mais de 40 títulos com o selo CLIMA (de CLIMA Artes Gráficas, empresa criada por ele e familiares no final de 1965).

Companheiro na antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, quando ingressamos em 1963 como alunos da primeira turma, foi lá que nos conhecemos e consolidamos uma amizade duradoura, que nos une até hoje a sua família. Coordenados pelo jornalista Luiz Lobo, Diretor da Faculdade e Professor de Técnica de Redação, tivemos a oportunidade de participar de uma experiência pioneira nas escolas de comunicação

do país: a produção pelos alunos de um jornal-laboratório. O jornal se chamava *EXTRA*, semanário produzido nas oficinas do Departamento de Imprensa do Estado, onde nos reuníamos sempre aos sábados para fazê-lo chegar às bancas, impreterivelmente, nas manhãs de cada segunda-feira. O que nos foi atribuído como trabalho faci-

litou uma maior aproximação: éramos responsáveis pelo noticiário internacional, sendo ele – pela experiência que já detinha como jornalista – o editor da área, cabendo-me a tarefa de coeditor. Com isso, e pela prática já acumulada por ele, muitas lições eram partilhadas generosamente comigo na execução de nosso dever acadêmico.

A AVENTURA DE SER EDITOR NA PROVÍNCIA
Lima Lima

NATAL — Gráfico bem-sucedido, Carlos Lima resolveu lançar-se na ardua tarefa de ser editor na província. E mais ainda, edita-las no Nordeste, situada em terra de latidos e fúria de folclore. Em meio a essa atividade publica um título, o que não é pouco numidade como Natal. Lançada agora, sem qualquer propaganda convencional, em um trabalho de registro e edição de literatura brasileira no Nordeste.

— Como livreiro, gráfico e editor, pretendo estimular o mercado de consumo de literatura no Nordeste, trazer para cá, se possível no mesmo dia, os livros lançados no Sul e, sobretudo, levar os livros aqui publicados para o Brasil todo.

Depois de observar que editar para o Nordeste é negócio deficitário, que para não é necessário possuir um superer, Carlos Lima diz o que o impulsiona nessa direção:

— Já fazia grande coisa, com vontade de publicar e sem oportunidade, que a gente se sente no dever de arriscar e investir. Há um órgão do Governo do Estado, a Fundação José Augusto, mas, infelizmente — sejamos sinceros — ali funciona uma lapinha. Só os que a ela pertencem têm o direito de publicar. A Fundação tem bons livros angariados por contaduma política de privilégio.

Trata-se, então, de um compromisso seu com a cultura do Nordeste.

— Sim. E por isso não penso nos prejuí-

zos. O problema é que tenho para mais de 40 originais, todos mesmo está querendo publicar, o que é perfeitamente natural. Tre que pensar em me organizar melhor, resolvi criar um conselho editorial. Comecei há pouco menos de três anos. O primeiro lançamento foi Com Cheiro de Maresia, poemas de Maria Lúcia Lima. O mais recente é o "Eternos", de Tarcísio Gurgel, que se vendeu praticamente tudo e já está pedindo uma segunda edição.

Quer dizer que os livros publicados por você estão correspondendo à expectativa?

— Já estão, sim. O livro de Rubens Lenos, Círculo da Fala do Cão, também está prometendo segunda edição. E por isso estou pretendendo diversificar a linha de publicações. Vou publicar um Rolê e Sentimental de Natal, de Stuart Christie Junior, e um volume, talvez uma antologia, de poemas fascicolas do Nordeste, a partir de um levantamento de 150 poemas do gênero, feito pelo pesquisador Celso da Silveira. Creio que será algo importante, afinal, todos se pensam do mundo não há mais clássicos arcaicos.

Alguns dos seus editados já estão na mira de leitores do Sul?

— De fato, pelo menos. Novos livros, de quem vou publicar em breve Cheiro de Maresia, de Maria Lúcia Lima, e um Rolê e Sentimental de Natal, de Stuart Christie Junior, já estão sendo vendidos em algumas livrarias do Sul.

— E a responsabilidade de todos os livros que você publica é sua?

— É. Carlos Lima garante que não há nada de mais ou menos na sua linha editorial. Ele também garante que não há nada de mais ou menos na sua linha editorial. Ele também garante que não há nada de mais ou menos na sua linha editorial.

Matéria publicada no Jornal do Brasil em 1978

A amizade foi continuada posteriormente, ainda na mesma escola, como professores de futuros jornalistas, e também como vizinhos no Conjunto Roselândia, onde constituímos uma comunidade solidária e fraterna com os moradores da Rua Desembargador João Dantas Sales por mais de 20 anos. Aí também residiam dois outros docentes da “Eloy de Souza”: Cláudio Emerenciano e Sanderson Negreiros.

Antes de encaminhar-se para a Faculdade, Carlos dedicava-se ao trabalho jornalístico exercendo atividades na *Folha da Tarde*, jornal cujo proprietário era o prefeito Djalma Maranhão. Iniciou bem jovem naquele vespertino, atuando como colaborador. Escrevia sobre cinema. Depois, ocupou outras funções, chegando ao cargo de Redator-Chefe. Reconhecendo o esforço e com confiança no seu trabalho, Djalma convidou-o para ser o seu Assessor de Imprensa na Prefeitura de Natal. Desenvolveu também atividades profissionais na Rádio Cabiugi, vinculado ao então Departamento de Jornais Falados.

Quando se implantou o regime militar em abril de 1964, a experiência vivenciada na *Folha da Tarde* e como Assessor de Imprensa na Prefeitura de Natal rendeu-lhe uma punição que, entre outras grandes perdas, o afastou da vida em família subtraindo-lhe naquele ano o Natal junto aos seus. Dez meses de prisão o afastaram também da Faculdade, impossibilitan-



Colação de Grau da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza em 1968. A concluinte Aldenira Gomes da Silva presta juramento protocolar perante o Governador Walfredo Gurgel, o Vice-Reitor da UFRN Otto de Brito Guerra, a Diretora da Faculdade, Yvonne Ferreira Barbalho, e os professores Geraldo Queiroz, Geraldo Batista de Araújo, Américo de Oliveira Costa, Carlos Lima, Crisan Siminéa, entre outros

do dar continuidade ao curso e concluí-lo com a turma na qual ingressara. Um ano depois é que pôde finalmente consolidar o histórico acadêmico.

Aqui se descreve apenas uma pequena mostra da história do amigo. Em toda a sua dimensão e diversidade (de editor, livreiro, boêmio, brincalhão emérito, granjeiro afeito à criação de aves raras, defensor do bairro da Ribeira, abecedista por devoção e ser humano por excelência) ela está contada no livro *UM EDITOR CAMARADA*, já concluído, mas aguardando o desanuviar de tempos pandêmicos para sua montagem e finalização gráfica. Será publicado pela Offset Gráfica, de Ivan de Carvalho Júnior, sobrinho que com ele aprendeu o ofício gráfico, de quem recebi o convite para contar a sua história.

UM EDITOR CAMARADA consta de sete capítulos, com



Expediente do Jornal Folha da Tarde em 1962

anexos e imagens colhidas e recolhidas ao longo de quatro anos de pesquisa, visita a bibliotecas particulares e institucionais, leituras, entrevistas, coleta de dados e muitas descobertas.

Atendendo convite da Revista BZZZ, tenho o prazer de compartilhar com seus leitores o último capítulo do livro, em tom de carta ao amigo.



Jornalistas potiguares em viagem a São Paulo no ano de 1961, a convite da REAL, empresa de transporte aéreo. Integravam a comitiva: João Neto, do Diário de Natal; Valdemar Araújo, da Tribuna do Norte; Waldir Farias, Emissora de Educação Rural; Adalberto Rodrigues, Rádio Cabugi; João Bosco Fernandes, do Jornal do Comércio; Carlos Lima, Paulo Frassinetti de Oliveira, Paulo Macedo e Luiza Maria Dantas, pela Folha da Tarde

MEU CARO AMIGO

Detentores que fomos durante duas décadas e meia dos números 85 e 86 da Rua João Dantas Sales na Roselândia, consolidando a amizade construída dez anos antes na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, devo dizer, para início de conversa, da minha satisfação ao receber de Ivan Júnior o convite para contar sua história. Antes já me ocorria essa vontade, pois ainda o via com as marcas de uma injustiça inaceitável: ser preso, passar dez meses trancafiado, acusado de subversão, somente por pensar

diferente dos que arrebataram da nação o caminho democrático. A temida falta de dados que permitisse consultar amplamente o que foi construído em sua trajetória me fez desanimar no primeiro momento.

Agora, três anos depois do convite, posso lhe dizer. O invisível apareceu fortemente em todos os lugares onde andei. Quando dizia do meu propósito, a satisfação sempre se manifestava com a melhor acolhida. Surpreendeu-me a quantidade de documentos recebidos, de livros consultados,

de informações coletadas, de depoimentos espontaneamente ditos. Mais uma vez, amigo, senti a admiração ao homem solidário que você soube ser e a disposição de todos em retribuir-lhe com o mesmo atributo.

Espantei-me quando vi num documento oficial que a Divisão de Informações do Ministério da Educação e Cultura desaconselhara “sua indicação para ocupar o cargo de Auxiliar de Ensino na UFRN”, quando do processo de integração dos docentes da Faculdade de Jornalismo à instituição.

Terrível coincidência, meu caro. Anos antes, mesmo aprovado em primeiro lugar para a mesma função (hoje extinta) em disciplina da antiga Faculdade de Educação, fui preterido de ser nomeado. Pelo simples fato de haver exercido um mandato de Deputado Estadual pelo antigo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Era época de bipartidarismo e o partido, mesmo consentido, representava oposição ao regime. A firme reação do Reitor Onofre Lopes à ordem militar livrou-me do impedimento da contratação, possibilitando-me seguir a carreira que construí como professor.

Vibrei ao encontrar declarações de pessoas de inquestionável histórico acadêmico, como

Américo de Oliveira Costa, Cláudio José Freire Emerenciano, Crisan Siminéa e Otto de Brito Guerra, alicerçar seu requerimento para o reparo devido da instituição pelo benefício da anistia. Como eu já estava no final do mandato de Reitor, não houve tempo para acompanhar todo o desfecho de reconhecimento e aprovação pelas diversas instâncias onde tramitou o processo.

Fico perplexo ao enxergar nos dias atuais, em especial nas novas gerações, significativo desconhecimento de nossa História do Brasil. Soma-se a isso uma onda de extremismos, que nega a repressão vivida pelo país naquela época, faz apologia do Ato Institucional nº 5 como alternativa a

ser restaurada, evoca a tortura em louvações, desqualifica prescrições da ciência, da educação, da cultura, além de outros desastinos. Inclusive a tentativa frustrada (graças ao poder vigilante da imprensa) de proibir livros e autores da literatura universal e até clássicos da literatura brasileira em bibliotecas de escolas nacionais. Tudo isso, companheiro, faz-me lembrar do Chico Buarque que você admirava e comentou na primeira coluna sobre discos publicada em 1977, no jornal Tribuna do Norte: “a coisa aqui tá preta”.

Ainda bem que o jornalismo sobrevive e cumpre a sua vigilância. Sei que os tempos são outros; o papel praticamente



Sede da CLIMA Artes Gráficas localizada no bairro da Ribeira, na Rua Dr. Barata. Aí se iniciou o trabalho da livraria. Antes, a empresa funcionava na Rua Câmara Cascudo, também na Ribeira

descartado, substituído por redes digitais. E nessas nem sempre predomina a ética e a grande preocupação que exercitávamos na Faculdade: a rigorosa apuração dos fatos, para uma transmissão correta da informação. Hoje, o falseamento da notícia – em grande escala e tecnicamente planejado; ou oriundo de neófitos comunicadores que, imaginando-se jornalistas, repassam informações sem checar procedência e veracidade – tem marcado o universo da comunicação. E não raras vezes o menosprezo ao exercício profissional do jornalismo. Fico a imaginar sua reação, como professor de Técnica de Jornal e Periódico, ao nome com que batizaram o fenômeno global mantendo-se aqui a designação macaqueada de “fake”.

Na Faculdade, quando discutíamos a previsão de uma aldeia global ainda distante, imaginávamos os ganhos para a comunicação, com novos meios e técnicas disponíveis para fortalecimento do diálogo. Renovaram-se os meios, mas a essência do diálogo perdeu-se num emaranhado de agressividades virtuais de interlocutores em rede. A mensagem, parece, ficou adormecida no próprio meio. Pena, amigo. Talvez estejamos vivendo neste exato momento um arrefecimento desse impulso daninho face ao surto pandêmico que de forma avassaladora atingiu toda a aldeia. Com enormes prejuízos. De vidas, acima de tudo. Por extensão, frágeis se tornaram os vários setores do caminhar humano.

Esperamos que a solidariedade prevaleça e que se possa vislumbrar, a partir da normalidade que há de vir, uma sociedade mais fraterna e um mundo mais equilibrado, tanto na esfera ambiental quanto no combate a desigualdades tão gritantes. Como você sempre almejou.

Devo externar também o alance de muitas informações que me surpreenderam ao revistar sua biblioteca e me deter no exame dos livros que o fizeram entregar-se de corpo inteiro ao trabalho que conseguiu construir. Particularidades encontradas nas dedicatórias, nos recortes de jornais bem guardados em páginas amareladas trouxeram subsídios ao meu trabalho. Admirável o zelo com que Gelza preservou-a. A ela agradeço o acesso à imensa maioria dos livros editados por CLIMA, que me levou a percorrer outros caminhos e descobertas

com mais segurança.

Por fim, vale a pena dizer-lhe do cuidadoso exemplo encontrado na Biblioteca Central Zila Mamede, no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo inicial de localizar exemplares da revista Cadernos do Rio Grande do Norte ampliou-se ao conversar no Setor de Coleções Especiais e me deter na coleção de autores do estado, chegando até ao setor de obras raras, onde também encontrei seus vestígios. Vi o que jamais esperava: a sua memória preservada, disponível ao público. Ajudado pela tecnologia e a boa organização do sistema, tive acesso à grande mostra de livros editados por CLIMA sob a guarda de Zila, completando praticamente com o zelo de Gelza o universo dos livros publicados.

É isto, amigo. Valeu o esforço. Natal, set. 2020.



Anúncio da revista Cadernos do Rio Grande do Norte, criada por Carlos Lima e Ubirajara Macedo em 1972



LIVRARIA E PAPELARIA CLIMA

RIBEIRA
Rua Dr. Barata, 216 — Fone: 222-2203

FILIAIS

Filial 1 — Petrópolis
Av. Afonso Pena, 394 Loja 3 — Fone: 222-3994

Filial 2 — Alcorim
Rua Pres. Vargas, 437 — Fone: 223-1548

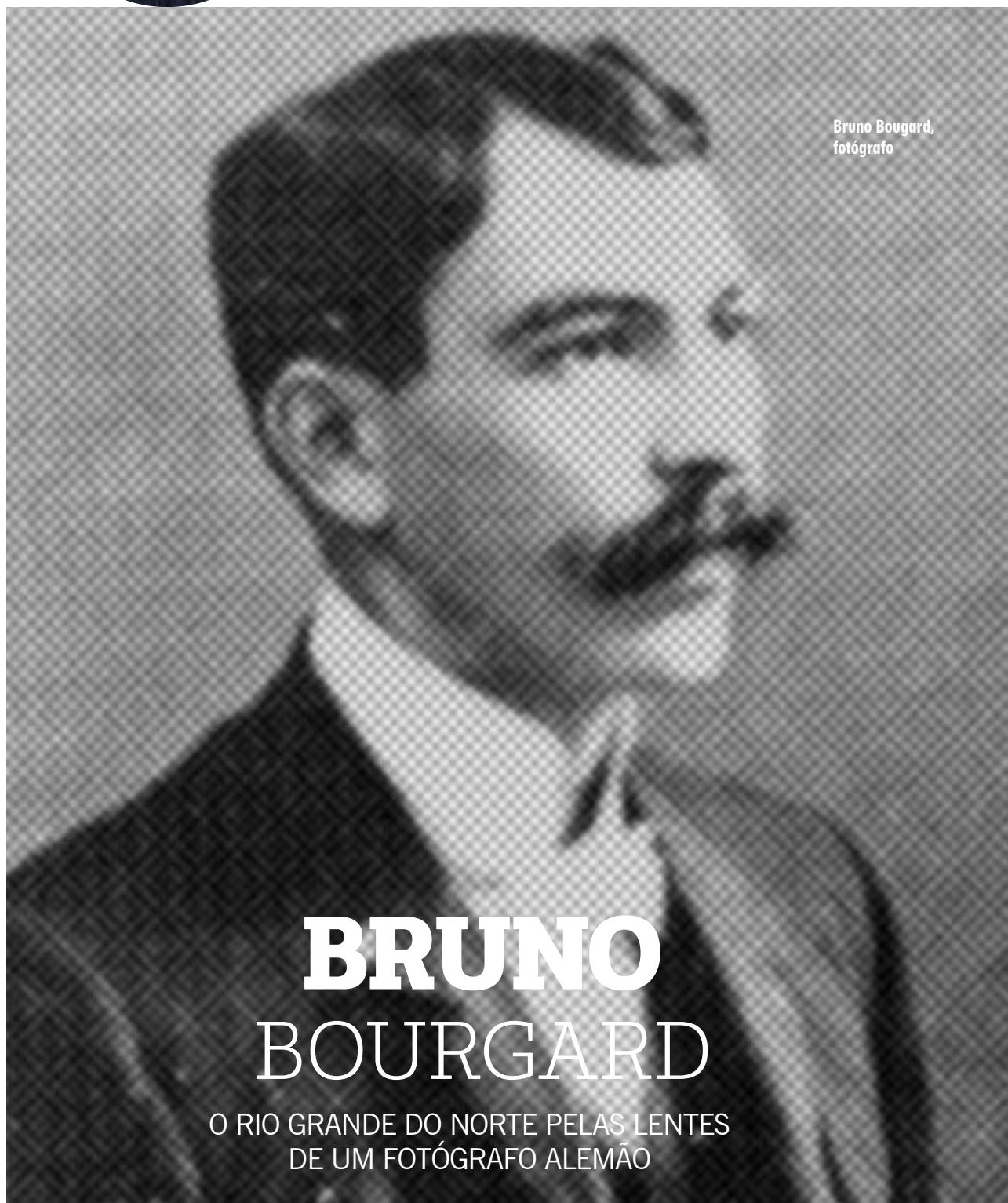
Filial 3 — Cidade Alta
Rua Princesa Isabel, 305 — Fone: 222-6923

NATAL — Rio Grande do Norte

Anúncio onde se vê os vários endereços onde funcionavam filiais da Livraria



Anderson Tavares de Lyra
Historiador



Bruno Bougard,
fotógrafo

BRUNO BOURGARD

O RIO GRANDE DO NORTE PELAS LENTES
DE UM FOTÓGRAFO ALEMÃO

Da família Bourgard, Marx foi o primeiro a chegar ao Brasil. Deixou a Alemanha com aproximadamente 18 anos, fugindo do serviço militar. No Recife (PE), o rapaz foi acolhido pelo cônsul da Alemanha, que, posteriormente, o entregou a uma família de ourives no município de Jaboatão, com quem aprendeu as artimanhas da profissão que abraçou por um determinado tempo.

Seu pai, um técnico em curture, foi contratado para assessorar a instalação de uma indústria congênere no Rio de Janeiro e trouxe toda a família (mulher, filha e o filho Bruno Bourgard). Finda a missão no Brasil, a família Bourgard retorna para a

cidade de Altenburg, na Alemanha, e Bruno decide ficar e se associar ao irmão Max. A atividade dos irmãos Bourgard se estendeu por vários estados do Norte e Nordeste.

Segundo o neto de Bruno – Roberto Bourgard –, os dois irmãos tinham conhecimento de fotografia desde a Alemanha. Max era mais comerciante do que fotógrafo, enquanto Bruno se dedicava ao aperfeiçoamento das técnicas do seu metiê. Os irmãos chegaram à Paraíba em 1889. Possuíram estúdios: Rua Conde D’Eu, 04 Campina Grande, PB; Rua da Areia, 77, Parahyba (João Pessoa), PB, e Rua Treze de Maio (Princesa Isabel), 38, Natal, RN.

A sociedade foi desfeita possivelmente em outubro de 1897, quando Max se retira de Natal e, no ano seguinte, Bruno, já por conta própria, oferecia seus serviços ao público de Natal (Diário do Natal, 2 ago. 1898, p.2). O mesmo anúncio foi publicado em 55 edições. Logo a seguir, ao longo do mês de novembro, informava que se retiraria por um período da capital (Diário do Natal, 1 nov. 1898, p.2). No final do mesmo ano encontrava-se de regresso, oferecendo seus serviços “quer esteja o dia limpo quer nublado” (Diário do Natal, 29 dez. 1898, p.2), anúncio repetido até o final do ano seguinte, em 264 edições do periódico.



Rio Potengi e Ribeira, vista do parque ferroviário da Great Western



Fotografia de Procissão solene no ano de 1899. Foto Bruno Bourgard.
Fonte Acervo do Museu do Seridó



Antiga Catedral - 1904

O fotógrafo Bruno Bourgard foi um itinerante clássico, prosseguindo com suas viagens pelo interior do Nordeste em busca de clientes. No Rio Grande do Norte, em especial, se fazia presente nas festas dos padroeiros locais, retratando as pessoas e algumas vezes aspectos urbanos das cidades e vilas por onde passava. Em 1904, o governador Alberto Maranhão solicitou seu estúdio para fazer imagens de Natal, exatamente no momento que passava o cargo ao governador eleito Augusto Tavares de Lyra.

São as imagens, datadas, possivelmente mais antigas de Natal. Bruno Bourgard retratou a

Natal de então em fotografias feitas da torre da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. São de uma nitidez extraordinária até hoje. Praça da Alegria (Pe. João Maria); Praça André de Albuquerque, Rua Santo Antônio, Rua da Conceição, se apresentam em sua singeleza bucólica.

O fotógrafo registrou um dos momentos mais críticos da história social de Natal, quando milhares de retirantes da seca que assolou o estado chegavam à capital, vindos de diversas partes em busca de trabalho e de subsistência. A população de Natal saltou para mais de 16 mil almas. As pessoas tomaram a Ave-

nida Junqueira Ayres pedindo ajuda ao governador Tavares de Lyra, cuja solução foi empregar a maioria dos homens na construção de prédios e praças públicas, a exemplo da Praça Augusto Severo, na Ribeira.

Na cidade de Macaíba, Bruno Bourgard registrou uma festa da árvore, em 1898, e em Caicó, a festa de Santana, no mesmo período. Em Currais Novos diversas famílias da elite local foram fotografadas, assim como em Acari.

Em 1907, reencontramos anúncios da Photographia Allema de Bruno Bourkhardt (sic) em Natal, onde permaneceu pouco mais de dois meses (Diário do



Flagelados da seca de 1905 de frente a casa do governador Tavares de Lyra

Natal, 28 ago. 1907, p.2). Para não ser confundido com o seu irmão, parece ter recuperado seu verdadeiro nome de família, Bourkhardt, e passou a adotá-lo em seus anúncios. Talvez a adoção do nome artístico Bourgard (uma versão afrancesada) tenha sido uma decisão dos irmãos visando facilitar a assimilação do nome pela maioria das pessoas que solicitavam seus serviços.

Bruno Bourgard casou no início do século XX e fixou-se definitivamente na capital paraibana. Enedina Toscano (D. Sinhá) era o nome da esposa de Bruno. O casal teve os seguintes filhos: Alberto, Wilhelm, Joseph, Ronald, Maria Neusa e Elizabeth. Bruno permaneceu na atividade até meados da década de 1930, quando faleceu.



Matriz de Macaíba em 1898



Currais Novos. Família do Cel. José Bezerra de Araújo Galvão



ANA ROCHA & APPOLINARIO

JOIA RARA

Coleção Friendship - Palácio Violeta, em São Paulo

A MARCA ANA ROCHA
& APPOLINARIO
CHEGA AOS 20 ANOS
SOMANDO SUCESSO
EM JOIAS EXCLUSIVAS
PRODUZIDAS DE
FORMA ARTESANAL. E
OS CENÁRIOS GANHAM
ARES PARISIENSES
E LISBOETAS,
COM ENSAIOS
FOTOGRAFICOS E
APRESENTAÇÕES
EM OCASIÕES PARA
AMIGAS

Por Eliana Lima – De Lisboa

Tudo começou no já distante ano de 2001, quando as amigas Anna Cláudia Rocha e Ana Paula Appolinario uniram a paixão pelas gemas naturais e, do alto do bom gosto da dupla, montaram um atelier sofisticado para produzir joias exclusivas. De forma artesanal, as designers brasileiras graduadas em Gemologia misturam cores em beleza e originalidade, com peças em combinações inusitadas. Primam pela missão de formatar joias eternas, que carreguem histórias, para serem passadas de geração em geração. E assim nasceu a marca Ana Ro-

cha & Appolinario.

A cada ano, Anna Cláudia e Ana Appolinario elegem um tema como inspiração para desenvolver novas coleções, onde as formas, pedras e cores mudam, mas o DNA da marca – de forte personalidade e beleza moderna – permanece. Combinação que não demorou para conquistar o Brasil. De norte a sul do país as joias da marca são desejo de consumo e realização entre chiques e famosas. E entre elegantes que preferem ficar anônimas dos flashes e holofotes. Usar uma peça da dupla é sinal de bom gosto e de poder.



Foto: arquivo pessoal

LUZ, CÂMERA, FLASH!

O Brasil ficou pequeno para a beleza das coleções das designers brasileiras. Assim, cidades como Paris, capital da França, e Lisboa, a capital portuguesa, foram cenários para produções de fotos que dão vida e ainda mais beleza às peças, clicadas em famosas modelos e influenciadoras digitais, como a atriz e modelo brasileira Laura Neiva, Júlia Tibério e Leoni Hanne, a alemã que está dominando o mundo do glamour, estreou campanhas de marcas como Louis Vuitton

e Fendi, apareceu em editoriais de revistas de moda como Marie Claire e Vogue Germany.

E todo esse time de beleza compõe os shootings – conceito muito usado no exterior para campanhas publicitárias que, traduzindo ao pé da letra, forma um tiroteio de fotos – que Anna Cláudia e Ana Appolinario vêm realizando para a marca, como aconteceu em Paris. A Cidade Luz foi inspiração para a nova coleção, com peças que remetem ao formato da Torre Eiffel e de

outros elementos arquitetônicos presentes nas ruas, museus e galerias da cidade, em brincos, pulseiras e anéis. “O toque final fica por conta de uma textura especial que desenvolvemos com inúmeras facetas para realçar a propagação da luz e seus reflexos, trazendo assim, um brilho único e especial às peças que estão presentes na nossa coleção Cidade Luz. Paixão pela nossa missão, trabalho, amigas por essa cidade tão inspiradora chamada Paris”, derrama-se a dupla.









As sócias e designers Anna Cláudia Rocha e Ana Paula Apolinário

A top Thayná Soares para
Ana Rocha & Appolinario



EMBAIXADORAS

Os lançamentos das coleções Ana Rocha & Appolinario são organizados por amigas das designers. São embaixadoras da marca em diversas cidades, do Brasil e da Europa, que convidam para a apresentação das novas joias, em ocasiões recheadas de beleza e espocares de champagne, em residências ou locais históricos, como o Palácio dos Cedros, em São Paulo, uma das mansões da família Jafet, localizada no bairro do Ipiranga, construída no ano de 1922.

Depois de passar também por ocasião de elegância em Salvador,

Bahia, chegou a Lisboa. A apresentação aconteceu na cobertura do icônico prédio onde funcionou por décadas o Diário de Notícias, a primeira edificação moderna na bela Avenida da Liberdade, com traços do arquiteto premiado Porfírio Pardal Monteiro, inaugurado em 1940.

A embaixadora da festa que reuniu portugueses e brasileiros foi Juliana Flor, uma apaixonada pelas terras lisboetas, cidade onde construiu boas amizades. A ocasião contou com a também embaixadora da marca Cláudia Gallindo.

Para dar ainda mais beleza e

glamour ao momento, desembarcaram de Salvador a design de interiores Teca Martins e a arquiteta e urbanista Isabela Dantas, mãe e filha que comandam o escritório soteropolitano IT Arquitetura e Design.

As fotos perfeitas ficaram por conta do fotógrafo Alex Costa, um potiguar cheio de talento que conquistou Portugal e hoje assina produções de poderosos e famosos.

E as maravilhosas peças Ana Rocha & Appolinario conquistaram as mais exigentes portuguesas. Com certeza!



Em Lisboa

Fotos Paulo Lima/Brasília

Em ocasião regada a Perrier Jouet, o champanhe preferido dos lisboetas, a apresentação das joias Ana Rocha & Appolinario reuniu chíquimas e famosas, como a atriz e humorista Heloisa Périssé, na bela cobertura do icônico prédio que foi sede do tradicional jornal português Diário de Notícias, na badalada Avenida da Liberdade, de frente para o monumento do Marquês de Pombal – ministro do rei D. José I -, que reconstruiu Lisboa após o terremoto de 1755, que destruiu a capital portuguesa. À Av. da Liberdade, reconstruída entre 1879 e 1882, deu semelhanças à parisiense Champs-Élysées.



A anfitriã Anna Rocha e as embaixadoras Cláudia Gallindo e Ju Flor



Anna Rocha recebe Luciana Meira Lins



Maria Dejon, Isabela Dantas, Teca Martins e Fabiana BazBuz



Priscila e Angela Theodoro, Louva Fleck e Mara Guimarães



Isabela Dantas, Danielle Monte, Bruna Barreto, Ju, Teca Martins, Silvana Prado, Zélia de Paula, Leila Mota Amaral



Daniela Gil e Ju Flor



Paula Calvino, Ju, Helena Degasperi, Ana Cláudia Santos



Ju com Helena Pinho, Rita Moraes Pequeno, Sara Costa



Cláudia Gallindo e as responsáveis pela ambientação: Isabela Dantas e Teca Martins, que foram de Salvador (BA) especialmente para assinar a ocasião



Elen Capri, Ju Flor, Anna Rocha e Sophia Kah



Reunião de belas e perfumadas



Com a atriz e humorista Heloisa Périssé



Vanda Boavida



Eliana Lima e o fotógrafo da ocasião: Alex Costa



A bela anfitriã e suas criações. Ao fundo, o icônico monumento do Marquês de Pombal



Isabela Dantas finaliza a decoração da exposição das joias



Delícias assinadas pela chef-top Ann-Kristin



Detalhe para o champanhe da ocasião estrelada



Francisco Palha



Cláudia Gallindo



Com Brunay Correia e Ana Barreto



Gabriela Bettencourt Botelho



Eliana Lima e os anfitriões Anna e Flávio Rocha



Ju, Nídia Saba, Ysnara Almeida



Débora Montenegro



FUTEBOL

FUTEBOL FEMININO:

mais um pioneirismo do RN



Os dois times femininos: Centro Náutico Natalense e ABC Futebol Clube



O PRIMEIRO REGISTRO DE MULHERES JOGANDO FUTEBOL NO BRASIL É DO RIO GRANDE DO NORTE, NOS IDOS DE 1920, QUANDO NATAL TINHA DOIS TIMES

Por Leila Braga

Fotos: arquivo Anderson Tavares de Lyra

O Rio Grande do Norte é, desde sempre, um estado que reserva grandes surpresas com relação ao pioneirismo de suas mulheres. Desde a primeira mulher a se registrar para votar, passando pela primeira mulher a se eleger prefeita de um município, até – passem! – a primeira partida de futebol feminino no Brasil.

Os primeiros registros de jogos entre times femininos em Natal, capital potiguar, datam de 1920, quando houve o jogo entre ABC Futebol Clube e o Centro Esportivo Natalense. Depois disso, só há registros de uma partida feminina em 1921, em São Paulo, entre times de Santa Catarina e SP.

O esporte chegou a ser proibido para mulheres em 1964 pelo Conselho Nacional de Desportos, só sendo permitido novamente em 1981. A modalidade só foi incluída nas Olimpíadas em 1996.

O COMEÇO

Em Natal, nos anos 1920, os times eram formados por mulheres que pertenciam às mais distintas classes sociais. Eram casadas, algumas solteiras, umas jovens e outras mais maduras. Começaram como torcedoras, mas essas esposas, irmãs e tias dos atletas tomaram um interesse mais profundo pelo esporte e se organizaram para iniciar seus próprios times.

O historiador Anderson Tavares de Lyra conta que essas mulheres quebraram barreiras, derrubaram preconceitos, e que, mesmo em uma Natal patriarcal e atrasada em outros sentidos, conseguiram o direito de praticar o esporte e tornaram-se pioneiras.

O clima nesse período era propício. Segundo o historiador, as práticas de educação física estavam ligadas à ideia de progresso e modernidade que permearam todo o período do domínio político da família Albuquerque Maranhão no estado. Em Natal se praticava o remo e a natação no Rio Potengi, o futebol e o tênis no Petrópolis Tênis Clube. Havia na época também a Liga de Desportos Terrestres, à qual estavam ligados os times de futebol América, ABC e o Centro Sportivo Natalense.

Muitos espaços na capital eram utilizados para os jogos femininos, entre eles, o Sítio Senegal e o estádio Juvenal Lamartine, ambos no bairro do Tirol. Além desses, as praças André de Albuquerque, na Cidade Alta, e Pedro Velho, em Petrópolis, também fo-

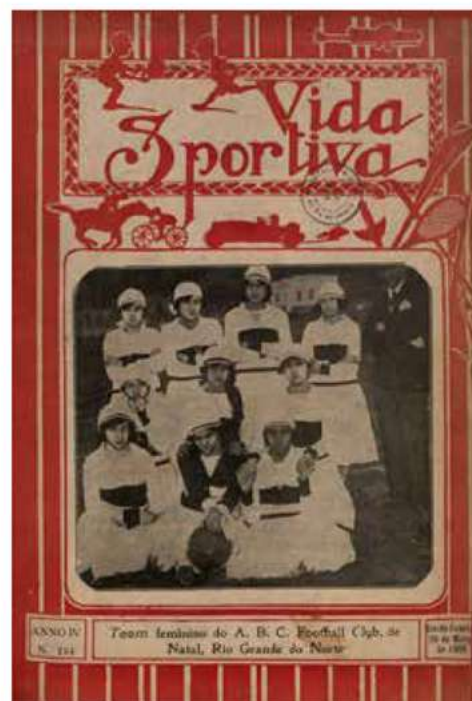


Alice China Tavares de Lyra, jogadora do ABC Futebol Clube

ram palco das competições.

Anderson conta ainda que a revista Vida Sportiva, em 1919, afirma que a cidade do Natal “pode gabar-se de ter sido a primeira do Brasil a criar agremiações esportivas de elementos exclusivamente femininos”, a exemplo do Centro Náutico Feminino de Natal e o Clube Náutico Jundiai, da cidade de Macaíba, fundados sob a orientação do centro Náutico Natalense e que disputavam provas no remo, natação e futebol.

As fotografias das atletas em Natal foram presente de uma das jogadoras, Alice China Tavares de Lyra, para sua sobrinha, Sophia A. Lyra, responsável pela primeira exibição das imagens na revista Vida Sportiva, em 20 de março de 1920.



Capa da revista Vida Sportiva de 1920, exibe imagem de jogadoras natalenses



Time Feminino do ABC.
Entre as jogadoras, Alice
Tavares de Lyra, no sítio
Senegal, de Quincas
Moura, na avenida
Hermes da Fonseca



Time do Centro Sportivo
Natalense, campeão
feminino de Natal após a
vitória por 12x0 em cima
do A.B.C.F.C.

EM MOSSORÓ

A capital do RN não é a única a encantar com seu pioneirismo, uma vez que, em Mossoró, uma professora foi responsável por introduzir o esporte na cidade, ao traduzir o manual do futebol do inglês para o português e ensinar o esporte aos seus alunos.

Esse fato se deve a Celina Guimarães Viana, a mesma mulher que foi a primeira eleitora registrada do Brasil.

Ela é, possivelmente, a primeira árbitra do país. Há registros de que Celina apitou jogos entre os anos de 1917 e

1919 em uma praça da cidade, de saia, sem deixar nada a desejar com relação aos árbitros homens. E, vale salientar, nessa época eram escalados para arbitrar um jogo apenas aquelas pessoas de prestígio e caráter reconhecido na cidade.



Eliseu, Celina e Pedro Wilson no Rio de Janeiro, em 1938

CELINA GUIMARÃES

Os homens e os feitos de Celina Guimarães

EXEMPLO
ORGULHOSO DO
PIONEIRISMO
DAS MULHERES
POTIGUARES E
DE TODO BRASIL,
CELINA TEVE
UMA RELAÇÃO
ESPECIAL DE
COMPANHEIRISMO
COM ELISEU VIANA
E O FILHO ÚNICO
DO CASAL, PEDRO
WILSON

Por Lúcia Rocha
Fotos: Arquivos

Os passageiros de carros apressados no cruzamento das ruas Juiz de Fora e Rodrigues Caldas, no tradicional bairro de Santo Agostinho, região central de Belo Horizonte, não têm ideia que ali, por trás daquele muro, há uma linda casa de paredes rosa, com varanda conservada, um jardim bastante florido e bem cuidado.

O imóvel já abrigou reuniões com o mundo intelectual potiguar que para ali se dirigia em algum compromisso na capital mineira. Construída nos anos 1940, numa região supervalorizada, a casa tem traços de construção moderna, com garagem e biblioteca particular e pertenceu a um casal que entrou para a história do Brasil, com um feito realizado distante dali, no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Mossoró, onde Celina Guimarães Viana sufragou o primeiro voto feminino da América Latina, abençoado pelo esposo professor e advogado, Eliseu Viana.

Em 17 de julho de 2019, o único filho do casal deu o último suspiro naquela casa que ele conservou, tal qual deixara os pais.

Tratava-se do médico Pedro Wilson Viana, nascido em 1931, em Teófilo Otoni, cidade que abrigou Eliseu e Celina, quando fugiram da Revolução de 30, que estourou em Natal. “Mestre na concepção dinâmica do termo e homem de alto saber humanístico”, prefaciou o escritor e ex-aluno do casal na Escola Normal de Mossoró, Raimundo Nonato, na biografia “Eliseu Viana, o Educador”, escrita pelo também ex-aluno Walter Wanderley, lançada em 1970, pela Coleção Mossoroense.

Segundo Walter Wanderley, Celina era uma criatura lúcida, de palavra fácil e viva, que descreveu Eliseu para seu biógrafo, depois de constantes apelos, pedindo que evitasse citá-la. E, sabiamente, o autor trouxe a público uma Celina que somente os mais íntimos conheciam.

Walter Wanderley registrou, pelas palavras de Celina, o retrato do ensino a partir de 1912, como se dava a relação professor-aluno, o ingresso no magistério, o início de uma atividade já mal remunerada, a influência política, com nomeação de professores, inspetores e diretores.

Eliseu e Celina conheceram-se à época em que estudavam na Escola Normal de Natal. Nascidos no mesmo ano, 1890, ele na Paraíba e ela em Natal, Celina de Amorim Guimarães estava apaixonada pelo colega, quando ele a pediu em casamento após o curso, em 1911. Recém-casados, surgiu a oportunidade de trabalho no interior, em Acari. O casal dava início a uma das mais belas trajetórias de dois profissionais dedicados à educação de jovens no Rio Grande do Norte e Minas Gerais.

Os ensinamentos do casal iam além da parte didática, pois resolveram testar a meninada para conhecer suas aptidões artísticas e o resultado foi surpreendente. Dois anos depois, foram transferidos para Mossoró, onde lecionaram durante catorze anos e Eliseu criou e dirigiu a Escola Normal de Mossoró.

Em 1918, o Banco do Brasil instala em Mossoró a agência de número 36, e Celina é a primeira mulher a abrir conta bancária, sob autorização do marido, por exigência do banco. Em 1928, o casal encerrou suas atividades em Mossoró, não sem antes Celina ter pioneiramente exercido o direito ao primeiro voto feminino, em 5 de abril daquele ano. Mesmo longe de grandes centros urbanos, o fato repercutiu mundialmente e levou mulheres de outros estados a reivindicarem a posse do título também. Celina teve seu rosto estampado na capa do jornal carioca, O Globo, e o assunto rende até hoje, sempre que a pauta é sobre o

direito ao voto feminino.

Em Natal, o casal foi morar no Tirol. Eliseu passou a ocupar as funções de Auditor da Polícia Militar do Estado, sob o governo do Presidente Juvenal Lamartine. Após a Revolução de 30, o casal deixou definitivamente o estado, passando a residir em Teófilo Otoni, onde Eliseu exerceu o cargo de Promotor de Justiça da

Comarca e lecionava língua portuguesa, gratuitamente.

Em Teófilo Otoni, o casal ganhou o filho ambicionado, Pedro Wilson Viana, nascido em 1931, com quem Celina manteve uma relação de amizade e afetividade registrada em centenas de fotos em preto e branco, tiradas por Eliseu desde que adquiriu uma máquina fotográfica.



Celina ao lado da neta Carla, publicada em O Globo no ano de 1971

VISITA AO FILHO

Em março de 2018, em visita à mansão de Eliseu e Celina, encontramos um simpático Pedro Wilson super lúcido aos 87 de idade, que lembrou a infância e descreveu as fotografias, coladas em velhos álbuns, guardados em estantes de madeira com portas de vidro e até hoje conserva tudo o que os pais deixaram, na biblioteca particular com o mesmo mobiliário. De moderno, apenas o computador e impressora usados por ele, educado no Colégio São Francisco, de freiras holandesas, em Teófilo Otoni. Em 1950, o casal deixou a cidade para

acompanhar o filho, que havia sido aprovado para a faculdade de medicina em Belo Horizonte.

Pedro Wilson conta que em Minas Celina nunca trabalhou fora, era dona de casa, personalidade secundária diante de um Eliseu bastante comunicador. “Ela não era tímida, mas não fazia o gênero das mulheres de Teófilo Otoni, donas de casa. Mamãe não era de ir para a cozinha, não sabia fazer comida, mas as cozinheiras que teve eram sempre de primeira linha, além de uma secretária que cuidava da casa. Nunca a vi

pegando numa panela. Morávamos ao lado da igreja, eles eram católicos fervorosos. O lazer era passeio a cavalo, visitar fazendas por perto, aos domingos íamos a um açude tomar banho, sempre a cavalo”, recorda.

Como mãe, Pedro Wilson registra que Celina era rigorosa. “Mamãe batia, eu não fui santo, não. Então, o castigo maior era um chicote, que ela usava quando eu aprontava”, ri. Pedro Wilson Viana deixou três filhos - Carla, Gina e Júlio - e quatro netos - Carolina, Fernanda, Bárbara e Dante.



Sobre o primeiro voto feminino, entre família não foi algo tão comentado porque era um assunto que a própria Celina evitava. Ele lembra que já era um rapaz quando alguém o visitou e perguntou se sabia que a mãe era a primeira eleitora do Brasil.

Quem também conviveu com Celina foi a neta Carla Viana Coscarelli, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma das maiores linguístas da atualidade, autora de diversos livros.

Na última entrevista concedida por Celina, publicada no n'O Globo em 1971, Carla aparece em foto ainda criança, ao lado da avó, então com 80 anos de idade. Celina faleceu no ano seguinte.

Em 8 de março de 2019, Celina foi homenageada pelo mesmo veículo, que lançou uma plataforma sobre mulheres e diversidade, intitulada Celina, cujo link é www.oglobo.globo.com/celina/ - e também ganhou um perfil no Instagram: @projetocelina. "A partir deste Dia Internacional da Mulher, Celina trará diariamente, no ambiente digital, material produzido por todas as editorias de O Globo e por colunistas do jornal. O jornal impresso também publicará periodicamente reportagens especiais, sempre identificadas com o selo do projeto", publicou o diário carioca naquele dia.



Celina à esquerda, depositando o voto, elegante, de bolsa e chapéu, no Cartório Eleitoral de Mossoró, à época funcionava no primeiro andar da Cadeia Pública de Mossoró, atualmente, Museu Histórico Lauro da Escóssia



Print do site O Globo que homenageia Celina



Arte do Projeto Celina, criada por Paula Cruz

NA INTIMIDADE

Texto de Carla Viana Coscarelli, neta de Celina

“Quando fui a Natal, na década de oitenta, como turista, eu não tinha a dimensão do que meus avós representavam para esse estado nem para o Brasil. Aproveitei a viagem, diverti-me nas dunas, nas praias, deliciei-me com a gastronomia super especial. Que lugar lindo, que povo simpático e receptivo! Naquela época eu não associei aquela familiaridade à minha história. Lá em casa, Celina era a minha avó e Eliseu o avô que não tive a sorte de conhecer.

Ela andava pela casa e sempre sorria para os netos nos encontros inevitáveis pela casa pequena. Ela era faladeira e firme em suas vontades. Se alguém acha que ela foi a primeira eleitora do Brasil, por insistência do marido, saiba que ela não era de se curvar ao que não queria fazer para agradar alguém. Nem mesmo para agradar ao meu avô a quem ela amava e admirava muito. Pode ter sido sugestão dele, mas a vontade foi dela. Se ela não tivesse tido forte essa vontade, não iria mesmo! Minha mãe dizia que ela era meio mandona e não fazia o que não queria. Dizia também que ela gostava muito de uma

boa conversa com as amigas e com quem estivesse por perto. Era boa de prosa e animava a conversa sempre recheada de entusiasmo e alegria. Era inteligente, espirituosa e muito culta, adjetivos que ouvi de várias pessoas que a conheceram. As fotografias me revelam que era vaidosa. Gostava de se vestir bem e de estar bem cuidada. Com bom gosto e sem excessos.

Tenho poucas lembranças dela. Lembro do cheirinho perfumado do seu quarto e do olhar meio de lado quando eu chegava perto dela, curiosa para entender aquele jogo de cartas com o qual ela se divertia quietinha durante muito tempo.

Tenho muito orgulho dela, que sabia que não se educava com palmatória, mas com respeito. Ela que não tinha medo de aprender e sentia prazer em ensinar. Ela que, junto com meu avô, abriu espaço em sua vida já tranquila para adotar uma criança que sofria com os maus tratos da mãe solteira. Ofereceu a esse filho, de quem sempre se orgulhou, a melhor educação que alguém poderia receber. Deu a ele uma família tranquila e afetiva além de



condições para ter uma vida equilibrada. Papai sempre foi muito grato a Celina e Eliseu, de quem falava com carinho e a quem chamava de ‘minha mãe’ e ‘meu pai’, sem nunca usar a palavra adotivos para se referir a eles.

Muitos anos depois de ter visitado o Rio Grande do Norte como turista, quero muito voltar para reconhecer a terra de minha avó, onde ela certamente foi feliz e onde pôde contribuir para a história das mulheres desse nosso país e para a educação potiguar. Quero rever essas terras com o olhar de uma neta curiosa para conhecer melhor a história de sua família, os feitos de sua avó, as contribuições dessa mulher cheia de histórias, que cada dia me enchem mais de orgulho”.

GASTRONOMIA

50 segundos para o céu

PUBLICADA EM FEV/NAR DE 2019



ORIGINALIDADE
E REQUINTE
MISTURAM-SE A
EXUBERANTE VISTA
DO RIO TEJO, A 120
METROS DE ALTURA,
NO ARRANHA-CÉU
MAIS ALTO DE LISBOA

Por Camila Lamartine, de Lisboa
Fotos: Alex Costa

A atmosfera náutica em cores de cobre e azul-escuro somada a uma vista panorâmica de tirar o fôlego faz a imensidão do Rio Tejo, parecer apenas uma extensão dos nossos pés. É isto que se sente no Fifty Seconds, o mais novo restaurante de luxo de Lisboa, situado no Hotel Myriad, do grupo SANA, no Parque das Nações, que tem assinatura ímpar do renomado chefe espanhol Martin Berasategui, colecionador de dez estrelas Michelin.

O espaço de cerca de 350 metros foi todo pensado em prol do aproveitamento da vista, inclusive a cozinha. Os detalhes ficaram a cargo do arquiteto de interiores Nuno Rodrigues, que traduziu elegância e refinamento em peças de decoração de estilo marinho e cutelaria exclusivas: “Tudo foi trazido com exclusividade para cá. É um espaço icônico, original. Não queremos lançar tendência e sim oferecer uma experiência única ao nosso cliente”, explicou o brand manager do grupo, Pedro Ramos.

Essa experiência começa assim que se chega ao hotel. Somos guiados à espera do elevador e quando ele se abre a imersão se inicia imediatamente. A altura pode até dar certo receio em quem tem acrofobia, mas aos poucos o cenário revelado pelas paredes de vidro substitui qualquer sensação pelo aprazimento. São 50 segundos cronometrados para chegar ao restaurante, por isso o nome Fifty Seconds – os tais segundos em inglês.

Logo de entrada já se vê uma grande adega, cujo responsável é o sommelier Marc Pinto. Com mais de 400 rótulos, Pinto diz que os títulos portugueses estão em maior número, apesar de negar preferência. Seguindo a pegada da sustentabilidade também há oferta de vinhos naturais: “Alguns biodinâmicos e biológicos não têm condições de estar num restaurante de luxo. Nossa proposta, portanto, é qualidade, se for natural melhor ainda”.

Há sensores para entrar e sair do ambiente cujo plano de fundo é a Ponte Vasco da Gama,

a mais extensa da Europa. O espaço comporta até 35 clientes assistidos por uma equipe de 25 pessoas comandadas pelo aveirense Filipe Carvalho. “Minha cozinha é honesta, tento privilegiar sempre o produto”, contou o chef executivo que já trabalha com Berasategui há quatro anos. Para ele, o peso da marca de Martin e suas dez estrelas não recaem como pressão: “O nome por trás cria expectativa, mas isso é bom, atraindo e me puxa, já sabes que encontrarás o que há de melhor”. A equipe é de maioria portuguesa e tem como chefe de sala o con-

ceituado Inácio Loureiro, vindo do Fortaleza do Guincho, e Maria Gonçalves, ex Belcanto de José Avillez, responsável pelos doces do restaurante.

A comunicação entre o chef basco e Filipe é constante apesar da distância: “Martin me dá total liberdade para criação de novos pratos, mantendo sempre os clássicos”. Além dos pratos à la carte o restaurante oferece o menu Fifty Seconds e o menu degustação, que estão frequentemente em reformulação devido à temporada de cada produto.



Mais de 400 garrafas com maioria de rótulos portugueses, além de uma série de destilados como o uísque japonês e o conhaque francês



Pedro Ramos, brand manager do grupo SANA

Filipe acredita que apesar do valor alto, o custo-benefício é muito bom: “Temos uma forte estrutura humana garantindo um serviço de excelência, em um ambiente singular com produtos seletos, todos feitos no próprio restaurante”. Desde que abriu, em novembro do ano passado, das terças aos sábados, permanece com a casa cheia nos serviços de almoço e jantar, com vagas estimadas para quatro dias de espera.



Filipe Carvalho, chef executivo do Fifty Seconds



O espaço de cerca de 350 metros foi todo pensado em prol do aproveitamento da vista, inclusive a cozinha

MIRADOURO EM FORMATO DE CÁPSULA ACIMA DA TORRE

O investimento, superior a 3 milhões de euros, na remodelação da Torre Vasco da Gama ficou em obras por volta de dois anos e meio e foi um “projeto estratégico do grupo SANA para se mostrar a nível internacional no mercado da restauração e ainda fixar Portugal como destino gastronômico de luxo”, explicou Ramos. Por cima

do restaurante será construído um miradouro numa espécie de cápsula, previsto ainda para o ano de 2019.

O objetivo é que em dois anos a estrela Michelin venha. Em pouco tempo de atividade, o Fifty Seconds já deixa sua marca na gastronomia lusitana. Para Filipe, a particularidade do cardápio e dos produtos que serve é o que

os torna referência. “Gosto quando o cliente se surpreende com o prato. A pescada, por exemplo, que não é considerada um peixe nobre em Portugal, tem uma aceitação diferente na Espanha. Quando o cliente que não espera nada por ela a pede, se fascina”, comenta o chef se referindo ao prato pescada grelhada e amêijoas (48 euros).

Um prato que já é icônico da marca Martin Berasategui é o mil-folhas caramelizado de foie gras, maçã verde e enguia que no Fifty acompanha espuma de cebola nova, uma verdadeira emulsão de sabores. E um dos mais pedidos é a gema de ovo em carbonara de ervas, lâminas de beterraba e carpaccio de papada incrementado com trufas negras.

O chef aconselha a explosão da gema para incorporação de todos os ingredientes do prato. Com a proposta de que a visita do restaurante seja uma experiência gastronômica única, aliada a um serviço exclusivo e produtos selecionados, o Fifty Seconds by Martin Berasategui segue, indubitavelmente, um caminho provável não somente para uma estrela, mas para um céu estrelado.



Gema de ovo em carbonara de ervas, lâminas de beterraba e carpaccio de papada



Mil-folhas caramelizado de foie gras, maçã verde e enguia

Jovem nos jardins da
Viúva Machado

NATAL

Relíquias francesas em Natal



Palacete de Jorge Barreto de Albuquerque Maranhão atualmente pertence aos herdeiros da Viúva Machado

OBJETOS VALIOSOS
DA BELLE ÉPOQUE
VINDOS DE PARIS
PARA NATAL
SOFREM COM O
DESCASO. ALGUNS
CONTINUAM NA
CIDADE, MAS VÁRIOS
FORAM ROUBADOS
OU SEGUEM
DESAPARECIDOS

Por Hayssa Pacheco
Fotos: Arquivo Anderson Tavares de Lyra

Os casarios, igrejas e outros prédios antigos que compõem a paisagem da Cidade Alta e da Ribeira, em Natal, Rio Grande do Norte, não guardam apenas a beleza arquitetônica maltratada pelo tempo e pelo descaso do poder público. São construções que carregam a história e a cultura do natalense. Dentre as belezas estão algumas relíquias que escapam do olhar de muitos que por ali circulam. São gradis, portões, estátuas e obras em ferro fundido ou bronze confeccionados pela extinta Fundação du Val D'Osne, de Paris.

Tais peças chegaram à terra da Câmara Cascudo para compor o projeto de modernização de Natal,

desenhado pelo arquiteto mineiro Herculano Ramos. "A França era o modelo para o mundo. A moda, a arquitetura, a arte e a educação foram amplamente copiados. Para estar inserido dentro do contexto da modernidade de então, durante a vigência da *Belle Époque*, era preciso consumir a cultura francesa. Nesse sentido, Natal buscou acompanhar as demais capitais brasileiras, buscando, via seus governantes, mostrar-se 'moderna' ao Brasil e ao mundo", pontua o historiador Anderson Tavares de Lyra, que estuda esse período desde a adolescência. Ele aprofundou seus estudos no mestrado na área de História e com o doutorado em Educação.



Historiador Anderson Tavares de Lyra

O auge da influência francesa em Natal aconteceu entre 1900 e 1920. Foi nesse período que a cidade começou a ganhar ruas largas e novas construções, cuja principal característica era a *art nouveau* (arte nova) francesa. “A cidade do Natal está ornada de gradis, portões, fontes e outras obras de estatuária em ferro fundido provenientes da França, a pedido do arquiteto Herculano Ramos, contratado pelo governador Tavares de Lyra para construir alguns edifícios públicos de Natal, a exemplo da sede do Instituto Histórico e da primeira sede da Assembleia Legislativa”, lembra Anderson. “Alberto Maranhão deu continuidade aos

trabalhos de seu antecessor e continuou a dotar a capital com o que Paris tinha de melhor em ferro fundido”, complementa.

O interesse do historiador pelo assunto o levou a descobrir, por meio da internet, que os bisnetos dos idealizadores da Fundação do Val D’Osne estavam catalogando em todo o mundo as obras criadas por seus antepassados e colaborou com o levantamento enviando fotos e informações do conjunto de peças que estão em Natal. “As peças têm um valor histórico imensurável, elas fazem parte de um período áureo da nossa história e foram confeccionadas por uma fundição que era referência em todo o mundo”, reforça.



A primavera nos jardins da Viúva Machado



**Detalhe do vaso nos jardins
do palacete da Viúva Machado**



Bustos que estão no jardim da Viúva Machado



A Escrita



A Leitura



A Arte no TAM



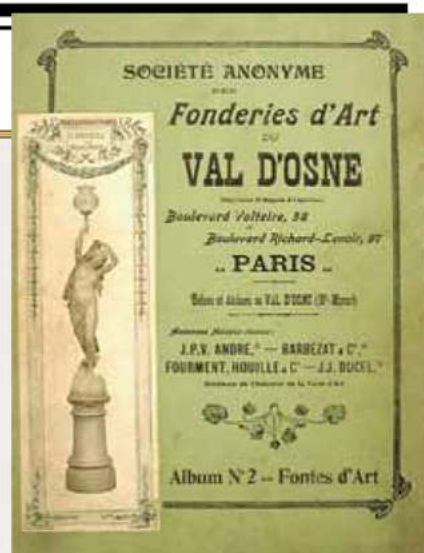
Luminária Índia, no jardim do TAM

CATÁLOGO DA FUNDIÇÃO

Por exportar seus produtos para todo o mundo, a fundição tinha em seu catálogo vários modelos de peças de ferro fundido com motivos alegóricos já definidos para compor os espaços arquitetônicos. Os modelos em bronze geralmente eram feitos a partir de encomendas e representavam algum personagem. Para isso, era necessário enviar o molde para a França, onde a estátua era moldada. Esse foi o caso da estátua de Augusto Severo - potiguar que foi um dos pioneiros da aviação que morreu no acidente com o seu dirigível em Paris -, que está na praça de

mesmo nome. O artista francês Edmond Badoche veio a Natal fazer o molde para a confecção da peça.

Uma das preocupações de Anderson Lyra é com o abandono destas peças, pois como consequência do descaso e falta de preservação algumas delas sumiram. "Algumas peças foram roubadas por pessoas que não sabiam o valor delas, como as efígies Dom Pedro e José Bonifácio que estavam na Praça Sete de Setembro. Mas há peças que acredito que tenham sido roubadas por colecionadores, pois eles, sim, sabem o valor. Acho



Catálogo da fundição

que foi o caso de uma ânfora que estava no alto da fachada do antigo Colégio Augusto Severo, na Ribeira". O historiador realizou um levantamento sobre as construções com obras da Fundição do Val D'Osne em Natal.

MAPA DAS RELÍQUIAS

• PALACETE DE JUVINO BARRETO

(atual Colégio Salesiano São José)
Possui colunas, ânforas e brasão contendo a letra "B", de Barreto, no frontispício do prédio.

• PALACETE DE JORGE BARRETO DE A. MARANHÃO

(atual residência dos herdeiros da "Viúva Machado")
Possui colunas, gradis, portões, estátuas assentadas em colunas que representam uma "jovem" e a primavera. Uma ânfora sob uma coluna artisticamente trabalhada. Nas paredes frontais duas máscaras que representam as artes cênicas.

• PALACETE DA ANTIGA ASSEMBLEIA (ANTIGA OAB)

Todos os gradis e portão. Ânforas e detalhes no frontispício.

• CASARÃO DO INSTITUTO LUDOVICUS

Lá estão os gradis.

• PALÁCIO POTENGI

Portões, maçanetas, toda a grade que circunda o antigo jardim, uma fonte arrematada pela representação da "América" estrangulando uma jiboia, inaugurada primitivamente, na Praça Augusto Severo, na Ribeira.

• GRUPO ESCOLAR MODELO AUGUSTO SEVERO

(antiga Faculdade de Direito na Ribeira)
Gradis, colunas e portões. No frontispício do prédio ânforas (uma das quais desaparecidas), dois condores, estátua representando "a ciência".

• TEATRO ALBERTO MARANHÃO

Gradis, colunas, portões e máscaras do frontispício. Estátua representando a "arte"; luminária representando uma "indígena" no jardim interno do teatro.

• PRAÇA AUGUSTO SEVERO

Tem a estátua de Augusto Severo, obra do artista francês Edmond Badoche, inaugurada em 1913, o medalhão com a efígie do mecânico francês Sachet, a placa com a representação do voo do balão Pax (desaparecida), a ponte rústica (não existe mais), pavilhão (não existe mais), medalhão com a efígie de Nísia Floresta (atualmente no Instituto Histórico e Geográfico) - obra do artista francês Edmond Badoche, com orientação do escritor Henrique Castriciano.

• PRAÇA PEDRO VELHO

Fonte e bacia estão desaparecidas. O busto de Pedro Velho, obra de Corbiniano Vilaça, inaugurado em 1909.

• AVENIDA TAVARES DE LYRA

Medalhão com a efígie do senador Tavares de Lyra, obra do artista francês Louis Busson. Junto ao medalhão, nas quatro faces do obelisco - Inaugurado em 1913 - onde estavam gravadas, ainda existiam os brasões do estado do Rio Grande do Norte, do Brasil Império, Brasil República e da cidade de Natal (todos desaparecidos).

• AVENIDA CÂMARA CASCUDO

Muralha decorativa "Junqueira Ayres", com dez postes e um relógio montado sob uma coluna artisticamente decorada, esse relógio, na atualidade, é conhecido como "relógio do Sesc". Todo o conjunto inaugurado em outubro de 1911.



Ponte rústica da Praça AS era de ferro e imitava troncos de madeira



Fonte A América



Antigo palacete do Congresso Legislativo, atual OAB



Busto de Pedro Velho em sua configuração original



Pavilhão da Praça Augusto Severo



Obelisco à Tavares de Lyra



Detalhe da efígie do Senador Tavares de Lyra



Palacete de Juvino Barreto

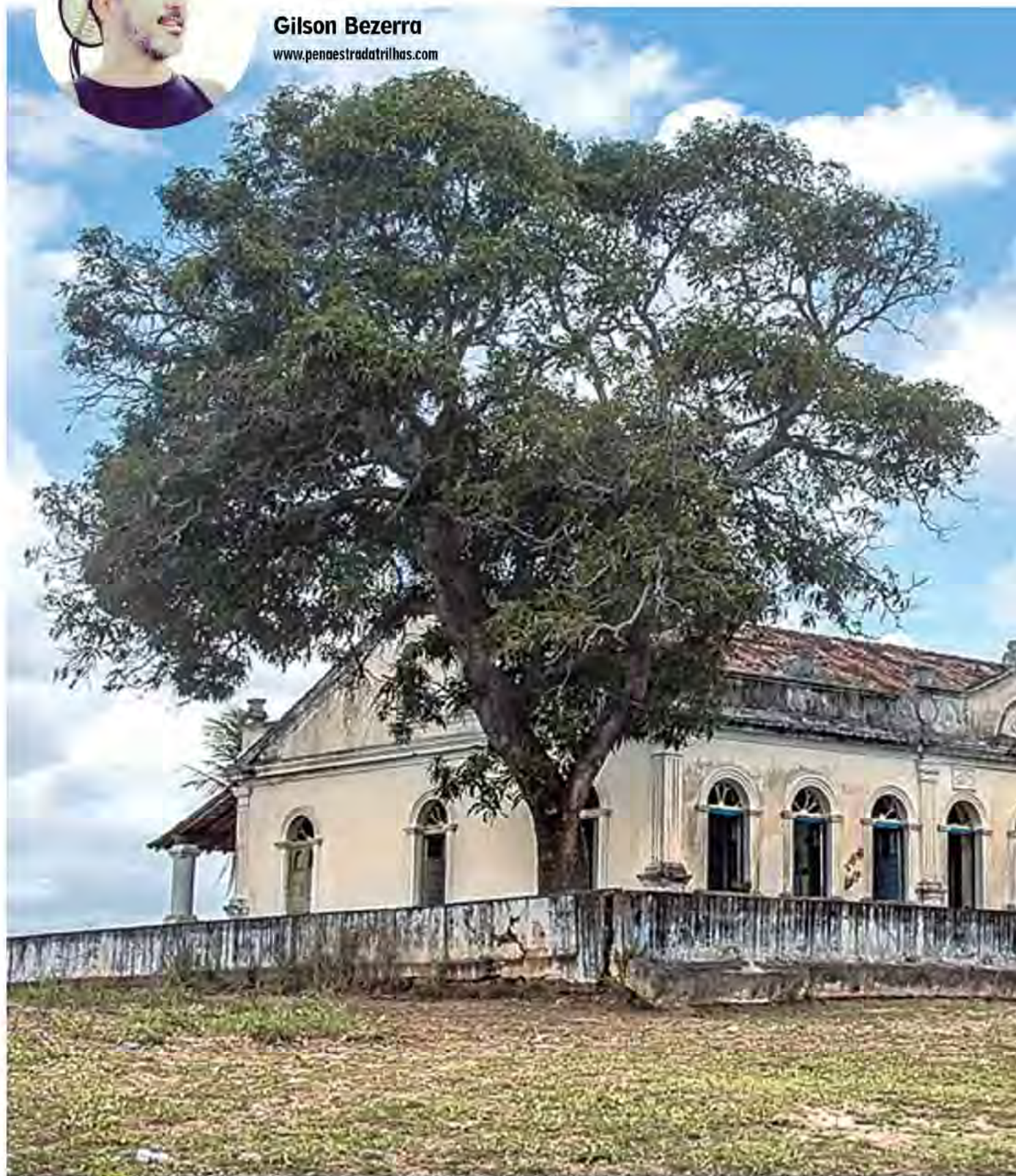


Postes e estátua de Augusto Severo na praça da ribeira



Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com



CEARÁ-MIRIM

Do apogeu ao [quase] esquecimento

CEARÁ-MIRIM GUARDA RICA HISTÓRIA, COM SEUS ANTIGOS PALACETES E ENGENHOS. TEVE O PRIMEIRO BARÃO DO RN, ELITE QUE DITAVA A REGRA POLÍTICA DO ESTADO, PROTAGONIZA MEMORÁVEIS FESTAS. MAS, SEU PATRIMÔNIO VEM SENDO APAGADO PELO CRESCIMENTO SEM PLANEJAMENTO E FALTA DE ZELO COM A MEMÓRIA. AINDA ASSIM, VALE MUITO O PASSEIO

Por Gilson Bezerra

Fotos: Gilson Bezerra e Rosângela Machado

Dos passeios próximos a Natal, no Rio Grande do Norte, um dos mais recomendáveis é passar um dia em Ceará-Mirim, que está situada na Região Metropolitana de Natal, cerca de 30 km da capital, com acesso também de trem a partir da Estação Ferroviária da Ribeira.

O município teve seus tempos áureos no Século XIX, quando chegou a sediar mais de 100 engenhos produzindo açúcar, cachaça e rapadura e foi palco de importantes eventos políticos e sociais impulsionados pela riqueza da cana-de-açúcar e guarda alguns monumentos arquitetônicos desse período. Nesse tempo, navios negreiros cheios de escravos e maquinários que moviam os engenhos desembarcavam em Muriú (distrito praiano) e chegavam ao destino puxados por carros de boi.

O Vale do Ceará-Mirim era a grande promessa da economia do Rio Grande do Norte e a cidade era muitas vezes mais rica do que a capital do estado, que justificava o título devido à sua localização geográfica na foz do Rio Grande.

A elite local protagonizava festas e banquetes com talheres de prata, ditava as ordens na política e recebia até presidentes

do país, sob o comando do Barão de Ceará-Mirim, título comprado por Manoel Varela do Nascimento, que veio a ser o primeiro Barão do nosso Estado, dono de muitas terras e riquezas.

Registros históricos de 1757 já incluíam a povoação de Ceará-Mirim, que era considerada bastante povoada para a época. Câmara Cascudo – potiguar que foi um dos maiores historiadores do Brasil – declara que “desde sempre a várzea do rio Seará foi ocupada, pois eram terras proveitosas para o cultivo, e lá se instalaram lavouras e criação de gado. Por todo século XVIII houve inúmeras sesmarias, dividindo completamente a região com maior ou menor utilidade para a agricultura, notadamente os proprietários de Extremoz. Os primeiros engenhos de Ceará-Mirim surgiram posteriormente ao ano de 1840, mas em 1858,

quando ocorreu a transferência da sede, havia notável desenvolvimento industrial e pecuário”.

A minha primeira passagem por Ceará-Mirim foi passagem mesmo, vindo de trem de Afonso Bezerra para Natal ainda nos anos 70. Com meu tio Jackson, saímos do sertão Cabugi e pegamos um trem que vinha de Macau até Natal, uma viagem exaustiva de muitas horas com os olhos grudados na janela. A paisagem da caatinga começava a se transformar um pouco depois de Baixa Verde e se tingia de verde ao adentrar o Vale do Ceará-Mirim, de terras férteis e água abundante. O caldo de cana com pastel degustado às pressas na plataforma da estação não me caiu bem depois de tanto tempo sacolejando dentro do vagão desconfortável e o mal estar posterior me deixou muitos anos sem querer sequer olhar para um caldo de cana.





TURISMO EM CEARÁ-MIRIM

A visita à cidade pode começar pelo Mercado Municipal, prédio de 1881, construído pelo Coronel Onofre José Soares, que era o dono do Engenho Cruzeiro. Tombado pela Fundação José Augusto em 1984, sua última restauração foi no ano de 2003. O mercado mantém boxes que vendem comidas típicas, caldo de cana e outras iguarias. Recomendando um suco de mangaba feito na hora com frutas frescas, uma delícia!

Após a visita ao mercado, sugiro conhecer o Solar dos Antunes, casarão construído em 1888, onde funciona a sede da prefeitura, e depois caminhar pela Rua Heráclio Villar, pontuada por casarões que remetem aos tempos de riqueza da cidade, até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, considerada o maior templo católico do estado e que até pouco tempo tinha bancos exclusivos nomeados para as famílias mais abastadas da cidade.



O passeio continua na zona rural e segue a rota dos engenhos, iniciando pelo engenho Guaporé e seu casarão de rica arquitetura neoclássica, onde o barão passava os verões, atualmente abandonado e em ruínas. Apesar de ser tombado pela Fundação José Augusto, não tem manutenção. Os próximos são o Engenho Imburana, o Mucuripe e o Verde Nasce, que possui maquinário vindo da Inglaterra, assim como a cerca de ferro fundido original. O almoço é no Engenho São Leopoldo, que pertenceu à família Câmara e atualmente recebe turistas para refeições com agendamento prévio. Dona Graça, a atual proprietária, comanda pessoalmente a cozinha do casarão e serve iguarias como galinha caipira do terreiro. A casa grande mantém-se preservada e tem um belo acervo de mobiliário e objetos antigos dispostos pelos salões.

O programa se encerra com uma visita ao Engenho Nascimento, pertencente à família Varela e que oferece um delicioso banho de nascente do Rio Água Azul com piscina natural e belos jardins. A propriedade guarda parte do acervo do Barão, suas carruagens e um quadro seu, pintado pelo artista francês Jean Bindseil.

Os amantes do ecoturismo podem usufruir também de diversas trilhas em trechos de Mata Atlântica, destaque para a Trilha do Paraíso Perdido, que atravessa diversas ruínas de casarões entre uns e outros preservados.



O BARÃO QUE A TODOS RECEBE

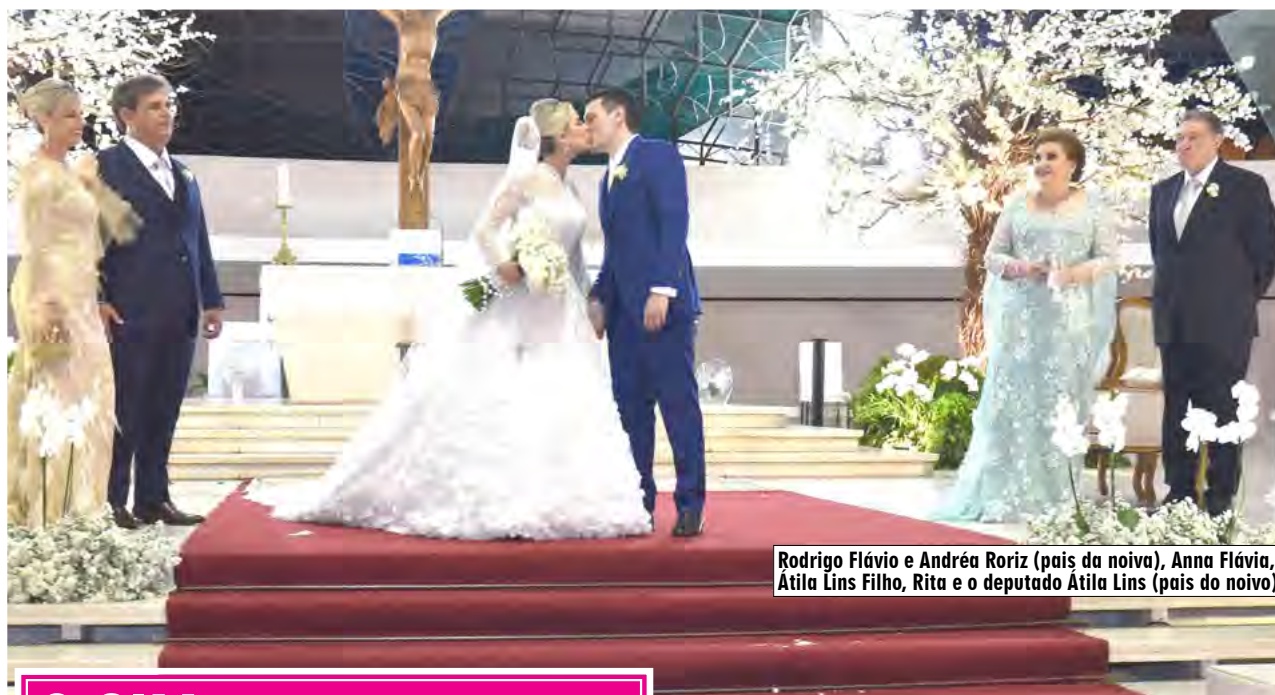
Apesar da riqueza e do patrimônio cultural, Ceará-Mirim é só descaso com a memória. A cidade, devido à proximidade com Natal, poderia receber turistas de todas as partes do mundo, mas não recebe. Não existem políticas públicas nem iniciativas institucionais de fomento ao turismo e todo o trabalho voltado para a área é desenvolvido pelo guia Francisco Ferreira,

conhecido por todos como o Barão de Ceará-Mirim.

É o Barão quem recebe os turistas, caracterizado com roupas de época e um acervo delicioso de histórias e causos, protagonizadas por senhores de engenho, feitores e escravos. Foi o Barão quem iniciou esse trabalho de resgate da memória local e organizou um acervo de peças e

antiguidades reunidas no espaço chamado de Museu Imperial de Ceará Mirim. Vale a pena contratá-lo para realizar esse tour pelo município e colher esses fragmentos da história do estado, mesmo que durante a visita você se depare com mais um casarão sendo demolido na cidade para dar lugar a mais uma casa de fachada moderna e gosto duvidoso.





Rodrigo Flávio e Andréa Roriz (pais da noiva), Anna Flávia, Átila Lins Filho, Rita e o deputado Átila Lins (pais do noivo)

O SIM

Fotos Paulo Lima - De Brasília

No altar da Catedral Metropolitana de Brasília, Anna Flávia Roriz e Átila Lins Filho juraram amor eterno, sob as bênçãos do arcebispo dom Fernando Guimarães. Ocasão com assinatura do cerimonialista mais-mais César Serra, decoração impecável de Thaís Rosso, música de Rogério Midler e orquestra.



Taiana e governador Wilson Lima (AM)



Alfredo e Ana Beatriz Lins de Albuquerque, Rodrigo Colela e Paula Angela Lins de Albuquerque



Mariana Bressan, Nilton Rocha e Alda Bressan



Augusta Lôbo, Rita Márcia e Francisco Machado



Ludimila, Ilmar, Terezinha, Marcelo Galvão



Flávio Marcílio e Janete Vaz



Deputado Arthur Lira e Ângela



Marly Nogueira, Leinha Soares, Maria Helena Gomide

SAUDADE

Fotos: João Neto

O ano era 2000. sua casa Blackout, no bairro da Ribeira, em Natal, estava no auge da efervescência. A noite das fotos que João Neto tira do baú foi mais que especial. Reunião chiques, famosos e descolados para celebrar o dono daquele espaço que marcou época de grandes festas e shows na capital banhada pelo Rio Potengi: Paulo Ubarana. Sete anos antes de sua partida para a eternidade.



Paulo Ubarana com Tereza Tinoco e o também saudoso J. Oliveira



Paulinho Saraiva, Domingos



O abraço de Jomardo Azevedo



O carinho de Nalva Melo



O sorriso marca registrada de Paulo



O abraço do amigo Rodrigues Neto



Eliana Lima e o estrelado aniversariante



Habib Chalita, Renata Ubarana, Onofre Neto



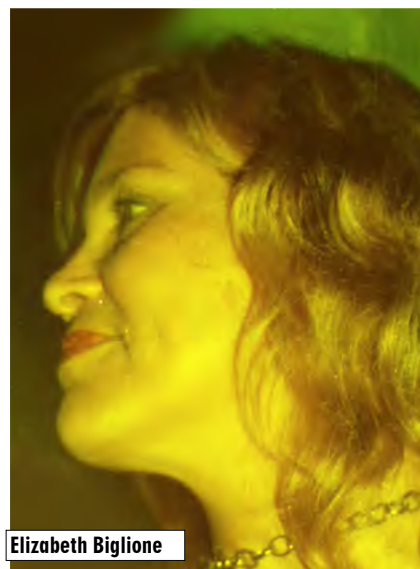
Os amigos Habib e Heber Vila



As amigas Eliana Lima e Nelly Carlos



O casal Cláudia e Paulo Gallindo ladeia Tereza Tinoco



Elizabeth Biglione

MOMENTOS

Fotos: Federico Telles

Nesta edição lembramos a bela festa de aniversário do festeiro advogado e empresário espanhol Luiz Henrique Pérez, nos salões do emblemático Hotel Palácio Estoril, em Portugal.

Ocasão para 77 convidados em glamorosa noite black tie e máscara para celebrar seus 31 anos. Após os tilintares de boas-vindas, com kir royal e suco, framboesas e trufas de chocolate, o jantar - inspirado no banquete épico da Dolce & Gabbana, em Milão - foi servido no Salão Imperial, numa grande mesa decorada por altos candelabros e flores brancas, ao som da perfeita voz da cantora Luísa Mirpuri. Depois, som de DJ e muita dança, regada a borbulhas francesas Grandin e Raposeira, prestigiando o produto português.



O aniversariante e a namorada Mariana Baptista de Freitas, jovem advogada lisboeta



Entrada dos anfitriões na sala do jantar



Irmã e o cunhado do anfitrião: os advogados Júlia del Pilar Pérez e José Gibello



O famoso toureiro Júlio Parejo e a bela namorada, a advogada Susana Salas, considerados irmãos de coração do aniversariante



Luís Henrique e os primos espanhóis, todos ligados ao Direito



Luiz Henrique recebe Luís Varela de Bragança (Casa Real Portuguesa)



A conceituada estilista portuguesa Ana Salazar, que revolucionou a moda em Portugal, e o namorado Nuno Reis



A socialite e apresentadora portuguesa Cinha Jardim e o estilista bambambã António Leal e Silva



Socialite das mais badaladas das terras lusitanas, Lili Canecas, a filha Ritinha e Paulo Faustino



Maria de Luz Bragança (Casa Real Portuguesa)



O notário espanhol Pedro Cabello e a mulher María Eugénia Cabello dos Cobos, filha do diretor-geral dos registos e notariado do reino de Espanha



António Sanchez e Maria Sanchez de Agustinez - ele proprietário de uma das mais conceituadas e tradicionais herdades espanholas de criação de touros bravos de Lidia



Pedro Luz, dono dos charmos hotéis Browns, e a mulher Sónia Luz



Jurista espanhol Santiago Pérez Ramos e a mulher, procuradora que seguiu as pisadas do pai Reyes Navajas, presidente do Supremo Tribunal Espanhol



Alexandra Guerreiro e António Leal e Silva



Advogado Xavier Guerra e Mafalda Ferreira de Castro



Blogueira Isabel Nogueira, do INParties



Os estilistas Jorge Correia e André Nascimento



Empresário Humberto Leal e Maria José Galvão



Ana Mexia, CEO da inovadora clínica de estética Improve your Body and Soul



Mentora da série juvenil Uma Aventura, a pintora e produtora Helena Pedro Nunes



Joana Martins e Duarte Freitas. Ela Miss Intercontinental Portugal 2014, considerada a mais bonita da Europa, ele, CEO do Grupo Antúrio



Ex-modelo Paulo Pamplona e Eva Lima, concorrente personal



Toda bela Miss Portugal Tourist: Carmen Fernandes



Com a bela escritora Teresa Prociapiak



Débora Picoito, concorrente do reality Casa dos Segredos



Discurso do aniversariante com surpresa



O impecável jantar



Jornalista potiguar Eliana Lima e o fotógrafo Alex Costa



O veterano top model português Paulo Costa e Ana Salazar



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

Onde é TUDO AZUL

O turismo no Marrocos só cresce. A cada ano, um número maior de visitantes estrangeiros desembarca no país. Além da cultura forte, da boa comida e dos preços acessíveis, todos chegam em busca dos seus muitos lugares fascinantes. Um deles, certamente, é Chefchaouen, também conhecido como “a cidade azul”.

O nome não é em vão. A medina do lugar, que fica a poucas horas de Fez e de Tânger, no norte do Marrocos, tem casas, portas, janelas e até mesmo o chão completamente azuis. A cidade foi refúgio da comunidade judaica na época da Inquisição Espanhola, a quem é creditado a sua coloração.



Dominada atualmente pela cultura berbere-muçulmana, Chefchaouen mantém a sua paisagem tradicional, com direito a locais circulando de “djellaba”. O azul onipresente é uma atração para viajantes do mundo inteiro, que querem simplesmente perder-se nas infinitas vielas e admirar fachadas.

Nos arredores da praça principal da cidade, a Uta al-Hamman, é possível encontrar lojinhas com artesanatos: tapetes, sapatos, sabonetes, óleos de argan, telas e cerâmicas. Lá, há também uma concentração de restaurantes, onde são servidos tajines, pastillas e o tradicional chá de menta. Alguns deles com rooftops, como o Aladdin e o Hicham.

Os arredores montanhosos de Chefchaouen oferecem diversas trilhas que levam até lindos mirantes, de onde é possível admirar a paisagem do norte do Marrocos e ter uma visão panorâmica do centro histórico azulado da cidade.



DANIEL DA FROTA PIRES CENSONI
Advogado Especialista em Gestão Pública
e Direito Administrativo

QUAL É O VERDADEIRO PROTAGONISMO DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL?

A Ordem dos Advogados do Brasil vem assumindo um protagonismo cada vez maior nas questões de grande relevância social.

A bem da verdade, o próprio Estatuto da Advocacia assim determina, quando aponta que a OAB tem por finalidade defender a Constituição, a ordem jurídica do Estado democrático de direito, os direitos humanos, a justiça social, e pugnar pela boa aplicação das leis, pela rápida administração da justiça e pelo aperfeiçoamento da cultura e das instituições jurídicas.

Ao passo que esse papel social da Ordem vem se incrementando, também tem crescido no seio da classe o sentimento de que a OAB passou a tratar como menos importante algo que enseja sua própria razão de existir: a representação e a defesa dos advogados.

Há uma parcela significativa de profissionais que vêm manifestando o sentimento de que a OAB (nacional e seccionais), em especial nos últimos anos, deixou em segundo plano a atuação em prol da advocacia, para se dedicar com afincado exacerbadado aos seus demais fins.

Nesse sentido, debates acaloradíssimos podem ser vistos, por exemplo, nos comentários que advogados realizam nas publicações oficiais da OAB Nacional ou de qualquer seccional nas redes sociais, em especial quando a temática não parece guardar grande intimidade com os objetivos da Ordem.

A impressão retratada é a de que a OAB, por vezes, parece ter assumido um papel político que, para ser executado, requer que a atenção aos seus próprios quadros seja brutalmente reduzida.

É óbvio que essa parcela insatisfeita não deseja que a OAB deixe de atuar nos assuntos de relevância social, até mesmo em virtude de sua responsabilidade estatutária, mas o que se pretende é que a defesa dos interesses dos profissionais volte a contar com esforços significativos e incessantes.

Nesse sentido, cresce um movimento de rejeição às plataformas de candidatos às presidências das seccionais, que pautam suas pretensas gestões tão somente em questões diversas às da advocacia cotidiana.

Isso, pois advogados e advogadas de todo o país

vêm, diuturnamente, sofrendo ataques de toda sorte: padecem com o aviltamento de honorários, ataques às prerrogativas, descrédito perante a sociedade e por vezes têm até a própria incolumidade física agredida, como inúmeros casos recentemente divulgados na imprensa especializada.

Por isso, é no suporte da vida profissional cotidiana que o advogado deseja sentir efetivamente a presença da uma OAB vigilante e proativa, que dê real e incessante atenção aos seus quadros.

Não se pode olvidar que a Advocacia vem angariando vitórias, como por exemplo a Lei 13.869/2019, que dispõe sobre os crimes de abuso de autoridade e, por conseguinte, faz valer de forma mais eficiente as prerrogativas dos advogados. Contudo, é um desejo generalizado desses que a Ordem se faça cada vez mais presente na defesa dos interesses institucionais e profissionais, garantindo um efetivo e definitivo respeito à classe e suporte ao indivíduo.

Para muitos, o sentimento de união entre os advogados parece ter ficado num passado distante.

Eis a oportunidade de resgatá-lo, fomentando, em todo o país, uma OAB mais forte, e o primeiro passo é ter uma instituição capitaneada por presidentes, conselheiros, membros de comissões etc, verdadeiramente comprometidos com a classe e não apenas para com seus projetos de visibilidade ou vaidade pessoal.

Aos advogados - indispensáveis à administração da justiça, como bem define a Constituição Federal - urge a renovação do sentimento de conexão e o resgate do respeito à classe. Isso passa, obrigatoriamente, pela valorização não só das questões sociais, mas também de cada profissional que, muitas vezes, ao se ver diante de um problema, sente-se sozinho e desassistido por uma OAB pouco presente e participativa na vida diária do advogado.

A OAB deve, sim, continuar assumindo posição de protagonismo nas questões de relevância social, inclusive àquelas mais sensíveis, mas não pode deixar de lembrar que o advogado - aquele mesmo que paga dantescas anuidades para que a Ordem possa existir - merece respeito, dedicação e retorno.



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais

www.boraler.com.br

